

LISBOA

REVISTA MUNICIPAL | n.º 21 | MAIO 2017 | GRATUITA

QUANDO LISBOA É SEMPRE NOVA!

Plano de Acessibilidades de Lisboa

Entrevista com
António-Pedro Vasconcelos

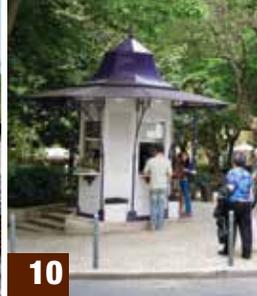
Programa Lojas com História

À conversa com Herman José





02



10



12



29



32



34



40



42



45

02 descobrir

- 2 Quando Lisboa é sempre nova
- 8 Plano de Acessibilidade Pedonal
- 10 Guia de quiosques históricos
- 12 Entrevista com António-Pedro Vasconcelos

18 conhecer

- 18 Brigadas LX - Os cuidadores da cidade
- 22 PediBus - A caminho da escola
- 23 Murtas em rede - Por um bairro melhor | Faisca Gerador | Gente Online
- 24 Programa Lisboa Vai ao Parque | Candidatura de Lisboa a Capital Europeia do Desporto | Olisipiadas 3.ª edição
- 26 Lisboa Participa tem novo portal
- 27 Desporto no parque | App Na Minha Rua
- 29 Lojas com História

32 sentir

- 32 Lojas com Alma - Paris em Lisboa
- 34 Lena cabeleireira - Uma alentejana apaixonada por Lisboa
- 36 Lisboa na Imprensa Internacional
- 37 "A Lisboa que teria sido" no Palácio Pimenta | Ateliês municipais dos Coruchéus de portas abertas | Ar.Co... do Castelo até Xabregas

38 olhar

- 38 *Study in Lisbon Lounge* | Procuram-se filmes na Madragoa
- 39 LISBOA 2017 - Capital Ibero-Americana de Cultura
- 40 Festas de Lisboa | Casamentos de Santo António
- 41 Feira do Livro de Lisboa | O maior festival de cultura ibérica aconteceu este ano em Belém | Sangue na Guelra 2017
- 42 Carpintaria de São Lázaro - Um novo polo cultural | ARCO Lisboa
- 43 MURO - Festival de Arte Urbana LX_2017
- 44 Eventos em Destaque
- 45 À conversa com Herman José ...no São Luiz — Teatro Municipal
- 48 Correio dos Leitores

FICHA TÉCNICA

Edição

Câmara Municipal de Lisboa
Pelouro de Estruturas de Proximidade, Higiene Urbana e Economia e Inovação
Secretaria-Geral | Departamento de Marca e Comunicação

Diretora Maria do Carmo Rosa

Diretor Adjunto Luís Miguel Carneiro

Editora Sofia Velez

Redação

Carla Teixeira | Filomena Proença | Isabel Advirta | José Manuel Marques | Luís Miguel Carneiro | Mafalda Ferraz | Marta Rodrigues Rui Baptista | Rui Martins | Sara Inácio | Sofia Velez

Design, Ilustração e Paginação

João Ferreira | Maria João Pardal | Marta Barata

Revisão Susana Pina

Fotografia

Américo Simas | Ana Luísa Alvim | Armindo Ribeiro
Luís Ponte | Manuel Levita | Nuno Correia
Arquivo DMC: Célia Martins

Versão Braille Gabinete de Referência Cultural / Imprensa Municipal

Estatuto Editorial

<http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/ultimas>

Impressão Multiponto, S.A.

Tiragem 350.000 ex.

Depósito Legal 341672/12

ISSN 2182-5556

Inscrição na ERC Anotada

Periodicidade Trimestral

Distribuição Gratuita



O sucesso das recentes intervenções mede-se pelo modo como rapidamente os Lisboetas tomaram conta dos espaços

A apropriação do espaço público pelos cidadãos é uma condição da sociedade democrática. A qualificação desse espaço é um símbolo da cidadania moderna. Lisboa está a proporcionar aos seus moradores e visitantes um espaço público cómodo, acessível, aprazível aos sentidos e dotado de equipamentos de qualidade. O sucesso das recentes intervenções mede-se pelo modo como rapidamente os Lisboetas tomaram conta dos espaços que agora lhes foram devolvidos em condições inéditas para fruição.

Comodidade, acessibilidade e segurança são fatores que potenciam a atração internacional de Lisboa, contribuindo para a captação de investimento, geração de emprego e criação de riqueza. O cosmopolitismo é uma marca da cidade que hoje habitamos, e o seu desenvolvimento deve assentar na partilha e na participação democrática – começando no espaço onde convivemos.

Uma cidade acolhedora, aberta, tolerante e solidária é uma cidade onde todos podem usufruir do seu território. Quando, em diversos lugares do mundo, se pensa em construir muros, Lisboa abre-se aos outros e constrói pontes para o futuro. Não há desenvolvimento sem a participação dos cidadãos. E a cidadania começa na rua. 🚶

CONVIDAMOS para a capa deste mês



José Costa Barbosa, 54 anos, com o curso de fotografia do ARCO, licenciado em Cinema e Comunicação Multimédia, mestre em Estudos Cinematográficos, doutorando em Ciências da Comunicação e com uma vasta experiência no audiovisual. Atualmente é coordenador do núcleo de produção vídeo da Câmara Municipal de Lisboa.

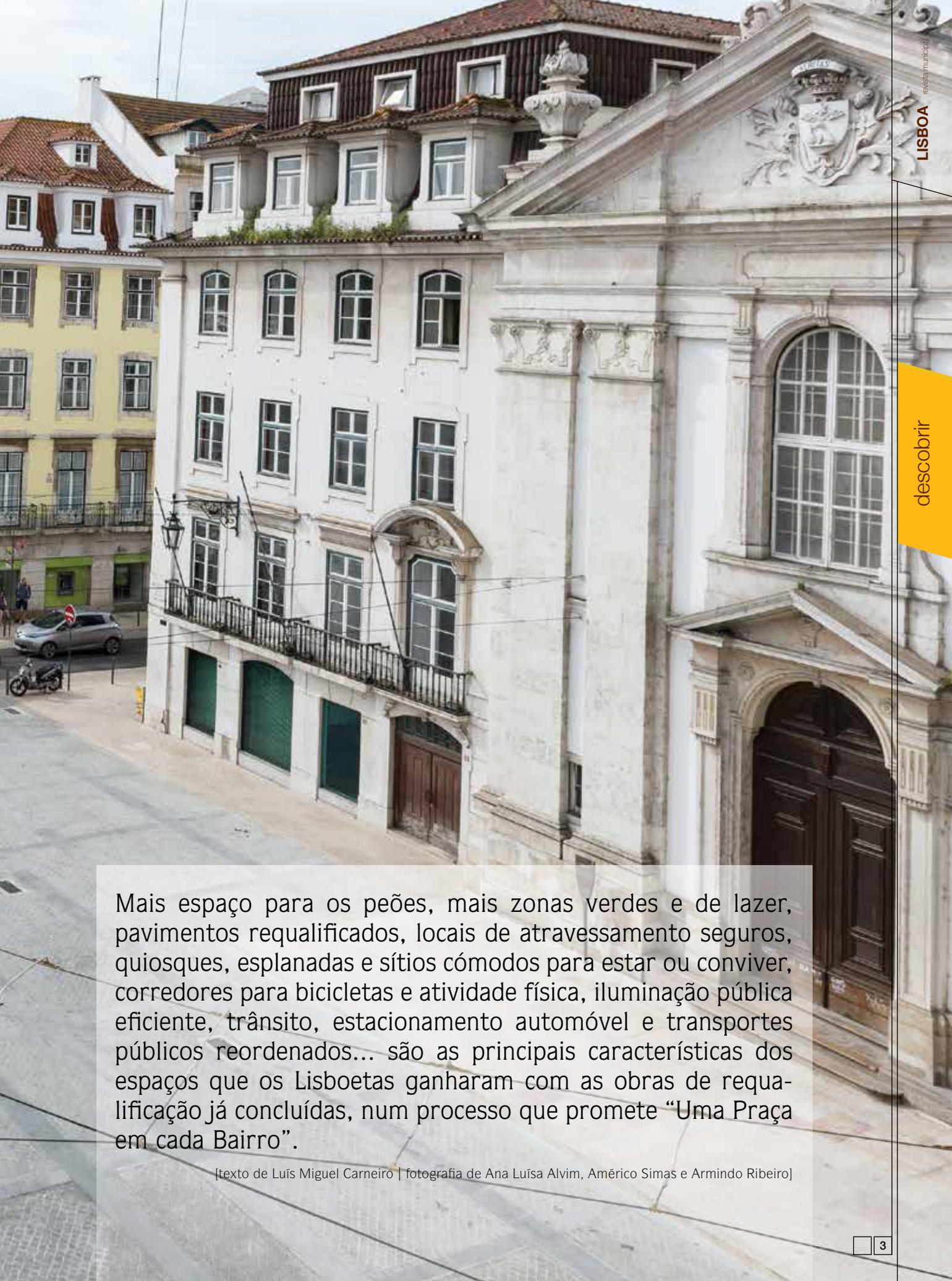
A imagem que nos oferece para a capa deste número capta, numa perspetiva original, o Cais do Sodrê recentemente requalificado.

<https://vimeo.com/josecostabarbosa>

QUANDO LISBOA

descobrir

É
SEMPRE
NOVA



Mais espaço para os peões, mais zonas verdes e de lazer, pavimentos requalificados, locais de atravessamento seguros, quiosques, esplanadas e sítios cómodos para estar ou conviver, corredores para bicicletas e atividade física, iluminação pública eficiente, trânsito, estacionamento automóvel e transportes públicos reordenados... são as principais características dos espaços que os Lisboetas ganharam com as obras de requalificação já concluídas, num processo que promete “Uma Praça em cada Bairro”.

[texto de Luís Miguel Carneiro | fotografia de Ana Luísa Alvim, Américo Simas e Armindo Ribeiro]

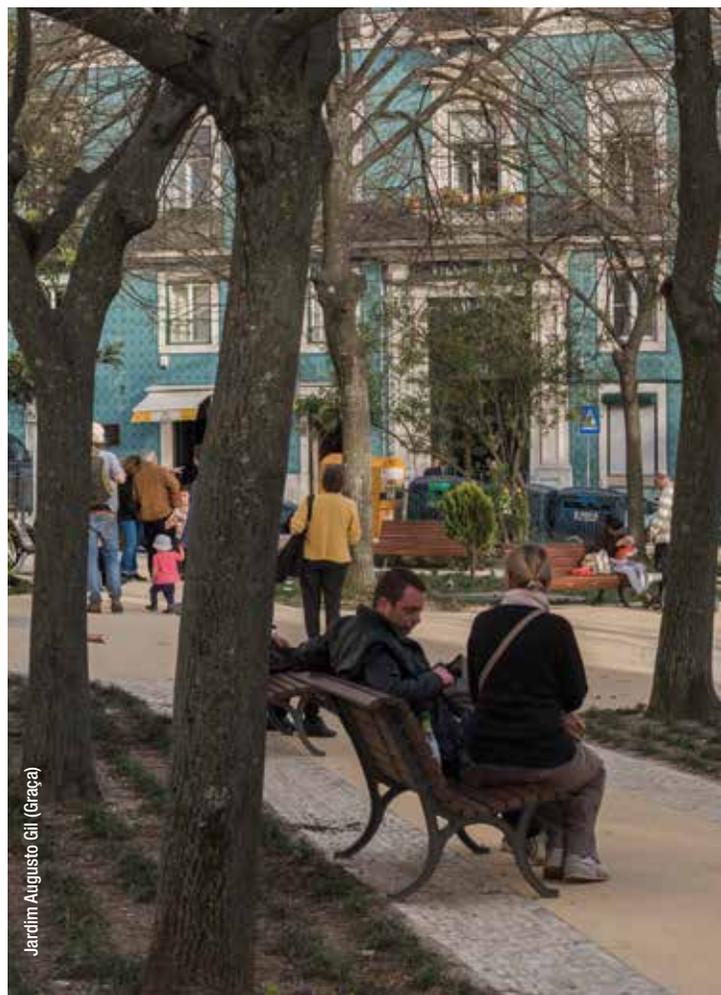


Praça Duque de Saldanha



Em janeiro, a cidade assinalou o fim das obras no denominado Eixo Central (avenidas da República e Fontes Pereira de Melo, incluindo as praças e largos de Picoas e Saldanha). Em março, foi a vez do Cais do Sodré (Praça Duque de Terceira, Jardim Roque Gameiro e novo passeio ribeirinho), da Rua do Arsenal, do Largo do Corpo Santo, da Avenida 24 de Julho e do Largo de Santos – assim se prolongando para poente a devolução aos Lisboetas da frente ribeirinha do Terreiro do Paço e da Ribeira das Naus.

A nascente do Terreiro do Paço, prosseguem em bom ritmo as obras de requalificação do Campo das Cebolas, estando já concluídas as obras da Rua da Alfândega. Estas intervenções preludiam o reordenamento da zona junto ao rio até Santa Apolónia, onde vai nascendo o novo Terminal de Cruzeiros. Toda esta frente urbana poderá ser usufruída pelos peões, que disporão de um extenso passeio à beira Tejo.



Jardim Augusto Gil (Graça)



Jardim Nun'Alvares (Santos)





Entretanto, no âmbito do programa “Uma Praça em cada Bairro”, além do Largo de Santos, estão em fase de conclusão as obras na Rua de Campolide e nos largos do Rossio de Palma, da Graça e da Igreja de Santa Isabel. Em obra, estão os largos do Calvário e Fontainhas, de Alcântara, do Leão e da Memória, as alamedas das Linhas de Torres e Manuel Ricardo Espírito Santo, as ruas da Centieira e Atriz Palmira Bastos, e a Quinta de Santa Clara. 📍



PLANO DE ACCESSIBILIDADE PEDONAL





Por uma cidade amiga das pessoas!
Os passeios estão a ficar mais confortáveis, e as passagens de peões mais seguras. Plantaram-se mais de 2 mil árvores. Há cada vez melhores condições para andar a pé, de bicicleta ou de transporte público. Lisboa é agora pensada com equilíbrio e justiça. O automóvel privado continua a ser uma opção, mas já não é um ditador.

[texto de Sofia Velez | fotografia de Ana Luísa Alvim e Armindo Ribeiro]

Andar pelo passeio sem medo de cair. Atravessar a rua sem medo de ser atropelado. Esperar pelo autocarro numa paragem limpa e confortável. Sentir a nossa rua como... nossa. Direitos básicos de quem vive numa cidade, certo?

Existe um Plano para tornar Lisboa mais amiga das pessoas. De todas as pessoas, incluindo as que têm mobilidade condicionada: crianças, idosos, grávidas, “condutores” de carrinhos de bebê e pessoas com deficiência.

Este Plano de Acessibilidade Pedonal já está em execução. Por toda a cidade, as passeiras estão a ser rebaixadas e a ganhar piso táctil e semáforos acessíveis (para quem não consegue ver bem). Os passeios estão a ficar confortáveis (reduzindo o risco de queda). As paragens de autocarro estão a tornar-se mais funcionais para os autocarros, e mais confortáveis para os passageiros.

O combate ao estacionamento abusivo sobre passeios e passagens de peões está a avançar, apoiado por novos meios e tecnologias. E as medidas físicas de acalmia de tráfego estão a reduzir a velocidade dos carros em locais onde havia mais atropelamentos.

Em vários bairros, a plantação de árvores e a instalação de mobiliário urbano (quiosques, esplanadas, parques infantis, ginásios ao ar livre e bancos) estão a tornar o espaço público mais seguro, saudável e atraente para os moradores.

Estas melhorias vão ser acompanhadas por outras mudanças importantes, como a criação de parques de estacionamento periféricos, a melhoria da rede de transportes públicos e a ampliação da rede ciclável. Haverá menos automóveis na cidade, mas haverá mais pessoas em circulação — com acesso a transportes melhores e mais económicos. ♿



1



2



3

Por toda a cidade surgem novos quiosques de bebidas, flores, revistas e cautelas; mas são os históricos que mais nos atraem, pela singularidade do seu desenho, cor e reclame pitoresco, tão ao gosto da moda dos finais do século XIX, por influência da capital francesa. Capilé, limonada ou mazagrã eram as bebidas que se vendiam nos principais jardins e miradouros desse tempo.

Passado mais de um século, a autarquia restaurou os que ainda se mantinham de pé, colocando-os nas zonas históricas, e criou outros, novos mas de inspiração antiga, que se veem por toda a cidade. Entre as várias dezenas, seleccionámos doze quiosques, sugerindo uma visita nos dias amenos ou cálidos que se avizinham. E não se esqueça de pedir uma bebida!

[texto de Sofia Velez | fotografia Arquivo DMC
ilustração de João Ferreira]



7



8



9



4



5



6

1 - PRAÇA DAS FLORES

Bebidas, Snacks
Horário: 10h30 - 00h30 (todos os dias)

2 - PRÍNCIPE REAL (Jardim França Borges)

Bebidas, Snacks
Horário: 08h30 - 01h00 (todos os dias)

3 - PRAÇA DE S. PAULO

Bebidas, Snacks
Horário: 10h00 - 19h30 (segunda, terça, quarta e domingo)
10h00 - 02h00 (de quinta a sábado)

4 - SÉ

Bebidas, Snacks
Horário: 10h00 - 19h00 (todos os dias)

5 - PRAÇA LUÍS DE CAMÕES

Bebidas, Snacks
Horário: 08h30 - 01h00 (todos os dias)

6 - CAIS DO SODRÉ

Venda de Bilhetes da Carris
Horário: 08h30 - 01h00 (todos os dias)

7 - AV. DA LIBERDADE (Tivoli)

Venda de Lotarias
Horário: 08h00 - 20h00 (de segunda a sábado)

8 - LARGO TRINDADE COELHO

Venda de Lotarias e Bebidas
Horário: 08h00 - 23h00 (todos os dias)

9 - JARDIM DAS AMOREIRAS

Bebidas, Snacks
Horário: 09h00 - 21h30 (de segunda a quinta)
10h00 - 24h00 (de sexta a domingo)

10 - PRAÇA DOS RESTAURADORES

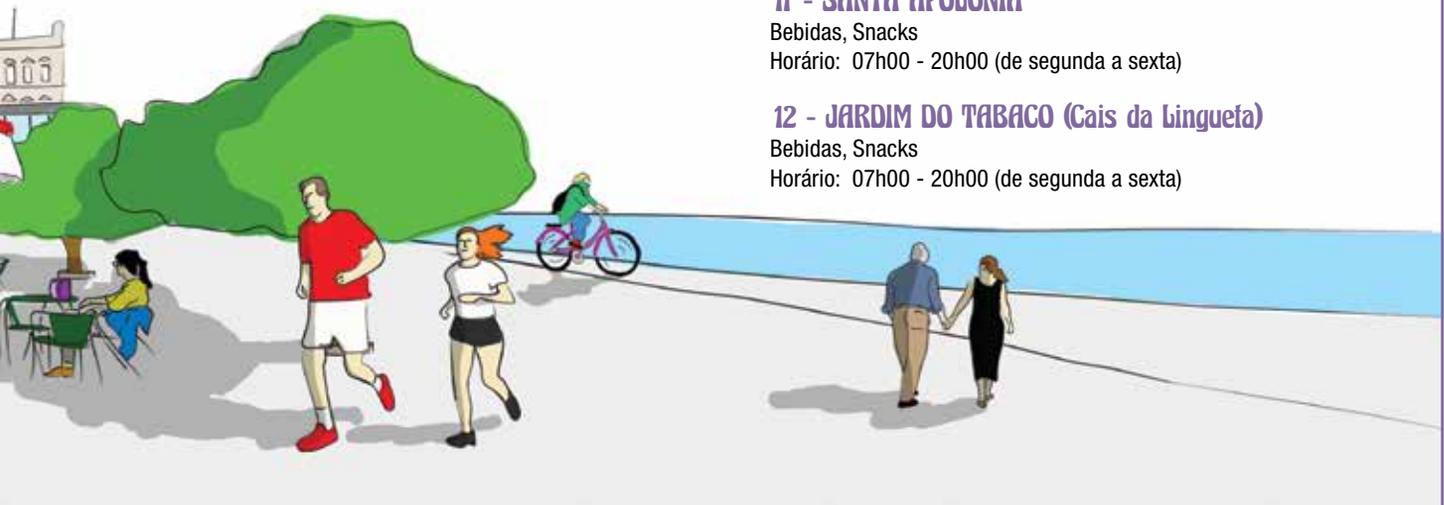
Venda de Bilhetes de Espetáculos
Horário: 09h00 - 21h00 (todos os dias)

11 - SANTA APOLÓNIA

Bebidas, Snacks
Horário: 07h00 - 20h00 (de segunda a sexta)

12 - JARDIM DO TABACO (Cais da Lingueta)

Bebidas, Snacks
Horário: 07h00 - 20h00 (de segunda a sexta)



10



11



12

Cineasta, escritor e jornalista, António-Pedro Vasconcelos nasceu em Leiria mas veio viver para Lisboa quando ingressou na universidade. Figura incontornável do chamado Novo Cinema Português, a ele se devem filmes como *Perdido por Cem*, *Oxalá*, *O Lugar do Morto* (o maior sucesso de bilheteira do cinema nacional), *Aqui D'El Rei!*, *Jaime* (globo de ouro para melhor filme) ou *Os Gatos Não Têm Vertigens*. Nesta entrevista, sob as frondosas árvores do Jardim da Estrela, falou-nos de cinema, da vida e, naturalmente, da sua experiência lisboeta.

[texto de Luís Miguel Carneiro | fotografia de Nuno Correia]

Entrevista com
**ANTÓNIO-PEDRO
VASCONCELOS**

Revista Lisboa (RL) – Nasceu em Leiria e foi estudar para Coimbra, antes de vir para Lisboa e, depois, para Paris. Como foi chegar ainda tão jovem a Lisboa? Houve deslumbramento?

António-Pedro Vasconcelos (APV) – Leiria, onde vivi até aos 7 anos, era uma pequena cidade de província, e Coimbra, onde vivi até aos 14, com outra dimensão e vida estudantil, foi um salto. Com Lisboa, onde cheguei aos 21 anos, o salto foi maior. Mas estamos a falar do final dos anos 50. É difícil para os lisboetas de hoje imaginar o que era a cidade naquela altura. Já se expandira para as zonas da Avenida de Roma e da Cidade Universitária — onde, em 1958, frequentei a Faculdade de Direito, inaugurada nesse ano —, mas não deixava de ser uma cidade provinciana, cinzenta, de costas viradas para o rio, que só se via ao longe e que provocava o desejo de partir. Era o ambiente da ditadura, as pessoas andavam cabisbaixas, vestidas muito formalmente e de escuro. Notava-se o atraso de uma cidade que teimava em não se modernizar, e onde tudo chegava tarde, como o metropolitano ou os semáforos, e onde havia rebanhos nas ruas.

Claro que havia o Chiado, com as suas livrarias e lojas elegantes que não existiam na província. Mas a ditadura, com a censura devastadora sobre os filmes, os espetáculos, os livros e a imprensa, castrava qualquer hipótese de modernização. E havia a PIDE, a repressão que prendeu ou obrigou ao exílio de muitos amigos meus. Apesar de os meus pais serem católicos, conservadores e apoiantes do regime — e com quem tive sempre uma relação carinhosa, em que “não se falava de política” — a partir da adolescência fui ganhando consciência e afastando-me dessa matriz. Antes de vir para Lisboa estive um ano num colégio de jesuítas em Santo Tirso, onde fui marcado pelo professor António Magalhães, um homem extraordinário que percebeu que eu não tinha fé por imperativos da razão; mas que nunca contrariou a minha curiosidade intelectual, e que até a incentivou.

Em Lisboa aprendi muito, sobretudo como autodidata, vendo filmes, lendo livros e acom-

panhando amigos e colegas que se posicionavam contra o conformismo e o reacionarismo do regime. A partir dos 21 anos rompi as barreiras que ainda me separavam desse mundo e decidi sair de casa e fazer-me à vida.

RL – Quer dizer: o deslumbramento esvaiu-se depressa; mas, apesar de tudo, os estudantes universitários conseguiram vislumbrar outros horizontes?

APV – Sim, a curiosidade intelectual era maior no meio estudantil. A minha geração ia ganhando consciência do mundo lá fora, mesmo antes da crise académica de 1962. Fiz parte do Teatro Universitário e fui dirigente do Cineclube Universitário de Lisboa, com gente politizada. Importante na minha vida, fora da universidade, foi José Ernesto de Sousa, um crítico de cinema, que mais tarde fez um filme [*Dom Roberto*, de 1962, com Raul Solnado], de formação marxista, que me convidou para escrever na revista *Imagem*, onde conheci outros críticos ligados ao Partido Comunista — de que nunca fiz parte, porque, apesar de ser seduzido pela interpretação que Marx fizera do funcionamento do capitalismo, não me revia nas práticas do estalinismo, e, por outro lado, a crítica marxista entrava em conflito com os meus gostos cinematográficos. Paralelamente, no café São Remo, integrei uma tertúlia fantástica de cinéfilos e aspirantes a cineastas, onde estavam alguns dos nomes do que viria a ser chamado Novo Cinema Português: o Alberto Seixas Santos [crítico e cineclubista; depois de realizar curtas metragens, estreou-se com a longa *Brandos Costumes*, em 1975], o João César Monteiro [viria a ser um dos cineastas portugueses com maior reconhecimento internacional] e o Carlos Saboga [que se exilaria em França, Itália e Argélia, com uma longa carreira de argumentista, iniciada com uma colaboração no filme de Vasconcelos, *O Lugar do Morto*].

RL – Estamos no início dos anos sessenta, o curso de Direito não o interessava e não havia escola de cinema em Portugal.

Como é que o António-Pedro e todos estes “aspirantes a cineastas” enfrentaram esse obstáculo?

APV – Fomos estudar cinema para fora, quase todos para Paris ou Londres. Eu fui para Paris, com uma bolsa da Gulbenkian. Foi o meu grande salto. Em Paris, respirei a liberdade.

RL – Quando voltou e lhe perguntavam o que fazia, e respondia que estudava cinema para fazer filmes, como reagiam as pessoas?

APV – Eram duas realidades paralelas. Uma, a das pessoas comuns, que não entendiam muito bem quem éramos e o que queríamos. Depois havia outra, de pessoas que sabiam o que queriam. Na minha tertúlia, o Seixas Santos tinha ido comigo para Paris, o Fernando Lopes já tinha estudado em Londres, o César Monteiro foi para lá depois. O Paulo Rocha e o Cunha Telles, um bocadinho mais velhos, também já tinham estado em Paris. O único cineasta da anterior geração com quem me dei foi com o Perdigão Queiroga, o único com talento. Em vez de frequentar uma escola de cinema e de passar os dias a aprender a técnica e a teoria, escolhi aprender cinema a ver filmes dos grandes autores: durante dois anos, vi três a seis por dia, sobretudo na Cinemateca Francesa, mais de mil filmes por ano.

RL – Depois da Fundação Gulbenkian ter assumido o papel que deveria caber ao Estado, como evoluiu o estudo do cinema em Portugal?

APV – A primeira escola de cinema em Portugal surgiu por iniciativa da Madalena Perdigão, no final dos anos sessenta. O início do curso de cinema no Conservatório Nacional foi um momento importante. Ainda fui diretor, já depois do 25 de Abril, mas afastei-me porque achei que a forma de ensino era o contrário do que deveria ser. Ainda hoje considero que a forma como se ensina cinema no Conservatório é o cancro do cinema nacional, com professores e alunos completamente afastados da profissão e dos problemas da produção.



RL – Regressado a Portugal, como é que chegou, finalmente, ao ofício de realizador?

APV – Regressado, conheci cineastas do chamado círculo do Vã-Vã e que já haviam feito filmes, como o Paulo Rocha [estudou cinema em Paris, trabalhou com Jean Renoir e Manoel de Oliveira e realizou o filme “fundador” do Novo Cinema Português, *Verdes Anos*, de 1962], o Fernando Lopes [quadro técnico da RTP, realizou o emblemático *Belarmino*, em 1964], o António Cunha Telles [além de realizador, ficaria associado ao Novo Cinema como produtor dos filmes *Verdes Anos* e *Belarmino*, entre dezenas de outros], o Augusto Cabrita [fotógrafo e documentarista, um pouco mais velho, foi diretor de fotografia em *Belarmino*], e outros. Tínhamos uma tertúlia no café Vã-Vã, pois muitos de nós morávamos perto da Avenida de Roma. O facto de alguns já terem feito filmes e a expectativa de abrandamento da censura, com Marcelo Caetano, deu-nos a esperança de que isso era possível.

RL – Naturalmente, esta geração de novos cineastas cruzava-se com os escritores, os jornalistas, os artistas... Na Lisboa de então, estes eram círculos onde toda a gente se conhecia?

APV – Sim, e cruzavam-se várias gerações. Pintores também, que conheci em Paris, como o Escada e o Jorge Martins. E poetas que, embora mais velhos, frequentavam os mesmos sítios, como o O’Neill ou o Nuno Bragança.

RL – Foi este ambiente que o conduziu ao cinema enquanto realizador? A sua primeira longa metragem, *Perdido por Cem*, é de 1973.

APV – Sim, em grande parte. O *Perdido por Cem* começou a ser rodado em 1971. Tudo tem início com uma iniciativa do Azeredo Perdigão, da Gulbenkian, juntando num debate no Porto toda a gente com interesse no cinema. Para além do nosso grupo estavam lá o Fonseca e Costa, o Fernando Matos Silva, o Alfredo Tropa e muitos outros. Criou-se então uma cooperativa, o Centro Português de Cinema (CPC), juntando os da nossa geração mais o Manoel de Oliveira, o único da velha escola pelo qual tínhamos respeito — tinha 62 anos e queríamos dar-lhe a oportunidade de fazer mais um filme (afinal, acabou por fazer mais uns 20!). Através do CPC, a Gulbenkian garantiu-nos três anos de financiamento. Foi assim que pude rodar o *Perdido por Cem*, tal como o Fonseca e Costa fez *O Recado*, o Seixas Santos o *Brandos Costumes*, ou o Matos Silva *O Mal Amado*.

RL – Quando não faziam filmes, como é que os cineastas ganhavam a vida? Era a publicidade para televisão?

APV – Casado e com filhos, eu tinha responsabilidades familiares. Como, até à intervenção da Gulbenkian, era impossível fazer filmes-filmes, eu tive de fazer filmes de publicidade para ganhar a vida. Ao longo da vida fiz talvez uma centena, o que me deu experiência técnica. E fazia crítica de cinema para os jornais.

RL – O que também lhe permitia um contacto permanente com os escritores que andavam na publicidade, como o O'Neill, o Cardoso Pires, o Ary,

APV – Sim, todos esses, e também o Sttau Monteiro, o Alves Redol, o Artur Portela Filho. A publicidade sustentava-me, e a crítica de cinema mantinha-me o convívio com o cinema, pois os jornais mandavam-me aos maiores festivais lá fora, onde pude ver filmes que em Portugal eram proibidos e entrevistar grandes realizadores.

RL – Ver filmes e conhecer grandes realizadores ainda lhe devia aumentar mais a apetência para fazer filmes.

APV – Sim, claro. Mas o meu desejo de fazer cinema vinha de longe: tive sempre uma grande atração pela ficção, pelas histórias; comecei a ler compulsivamente desde muito novo. A minha curiosidade pelo cinema nasce pelas histórias. Quando comecei a ver filmes em grandes doses, já em Lisboa, desenvolvi o fascínio por essa maneira de contar histórias, sem intermediação da escrita. É a própria vida a correr no ecrã. É a própria realidade que é filmada, que está ali à nossa frente: os atores são pessoas, são os próprios personagens, não os imaginamos por intermédio da escrita. E vemos o céu, não descrevemos o céu. Sempre pensei que o cinema foi feito para mostrar alguém a cavalo com um céu com nuvens em fundo — os *westerns* do John Ford são talvez a essência do cinema. O que não quer dizer que a minha admiração pelos escritores tenha diminuído, pelo contrário. Mas a escrita é um ato solitário, uma tortura, que atraía o meu lado depressivo, enquanto o cinema puxava pelo meu lado solar!

RL – O cinema tem a sua linguagem própria. O que faz uma boa narrativa cinematográfica?

APV – As histórias têm de ser interessantes, ter um bom conflito, e têm de ser bem contadas, têm de captar a atenção. Tem de haver da parte do leitor ou do espectador aquilo que o Coleridge chamava “*suspension of disbelief*” [suspensão da incredulidade]. No cinema, como no romance, é preciso criar a ilusão de que aquilo que está a ser contado é verdade. As pessoas têm de acreditar que aquilo que estão a ver no ecrã está mesmo a acontecer naquele momento à sua frente.

RL – Uma pessoa como o António-Pedro, que está dentro da máquina de criar ilusão, quando vê um filme consegue ter essa “suspensão da incredulidade”, olhar para aquela história como sendo verosímil?

APV – Isso é uma pergunta muito interessante. Se eu estivesse a ver os filmes e a analisá-los do ponto de vista técnico, perdia-se o encanto. Um filme tem de surpreender e cativar pela narrativa, e por aquilo que vai acontecer; temos de nos interessar pelo destino das personagens. Eu tenho de me emocionar: rir-me, comover-me, assustar-me.

RL – Uma vez disse que das poucas vezes que chorou na vida foi ao ver uma cena com o James Dean, no *A Leste do Paraíso*.

APV – Quase sem dar por isso, posso emocionar-me ao ver um filme e deixar cair uma lágrima furtiva. Há uma zona no meu cérebro que consegue estar a analisar enquanto outra está a deixar-se levar pela história, como um espectador normal. Quando acaba o filme, posso pegar na parte analítica e pensar com frieza clínica no que o realizador fez, que tipos de objetivos usou, como cortou, que utilização fez da música, se fez elipses na narrativa, etc. Mas as duas partes do cérebro têm de conviver, porque o cinema tem de nos prender, é esse o seu encanto: o cinema é uma arte hipnótica.

RL – O grande público esteve divorciado do Novo Cinema Português até ao *Kilas*, o *Mau da Fita*, do *Fonseca e Costa*, e ao seu *O Lugar do Morto*.

APV – O *Kilas* foi o primeiro grande sucesso, vencendo a barreira psicológica dos 100 mil espectadores, porque contava uma história e tinha personagens reais, creíveis. Depois foi o meu *Oxalá*, com 130 mil espectadores, e, em seguida, o *Lugar do Morto*, que inesperadamente bateu todos os recordes, com cerca de 500 mil. Foi uma loucura.

Infelizmente, o cinema português seguiu depois uma via oposta, considerando depreciativamente os filmes de sucesso como “cinema comercial”, e apostando num cinema a que chamam absurdamente “cinema de autor”, que, para mim, é mais um “cinema autista” e que se gaba de não ter público. É uma dicotomia absurda, que nega a própria história do

cinema: nessa ótica, todos os grandes autores, a começar no Chaplin, iriam para o caixote do lixo comercial. Esta ideia absurda tem sido a causa do divórcio da sociedade com o cinema português.

Temos de ser honestos a fazer cinema, mas também temos de ser competentes para transmitir o que queremos transmitir. Se fizer uma comédia e o público não se rir, ou um melodrama e o público não se emocionar, fui eu que falhei. Qualquer autor, na literatura, na música ou no cinema, gosta de ser compreendido e admirado pelo público.

RL – Filmou por todo o país, mas Lisboa está quase sempre presente. Esta cidade é cada vez mais procurada como cenário de produções estrangeiras. É da luz? É por ser uma cidade cinematográfica?

APV – Devo dizer que a luz de Lisboa pode ser um bocado ingrata para filmar, pode ser demasiado dura. Mas temos condições climáticas boas, semelhantes às de Hollywood. E é uma cidade cinematográfica. É das cidades de que eu mais gosto em todo o mundo, das mais bonitas, e eu conheço muitas.

Durante muito tempo não tive uma boa relação com Lisboa. Primeiro, quando vim para cá, por causa do fascismo, que me causava um sentimento de opressão. Tinha o escape das tertúlias com os amigos.

Depois do 25 de Abril de 1974, esse sentimento acabou, mas a cidade continuou a degradar-se imenso. Não esqueço que a praça mais bonita do mundo, o Terreiro do Paço, era um parque de estacionamento de automóveis, até o João Soares acabar com isso ao devolver-lhe a sua beleza e o seu papel: para quem entra, ela é um palco, que nos acolhe e nos envolve, mas não deixa de ter a dignidade simbólica do poder; para quem sai, ela é a abertura para o mundo, para a aventura, para o futuro. Na década de oitenta assistimos à destruição da Avenida da República, enquanto as zonas históricas estavam votadas ao abandono e à degradação.

Foi só com o João Soares, primeiro, e com o

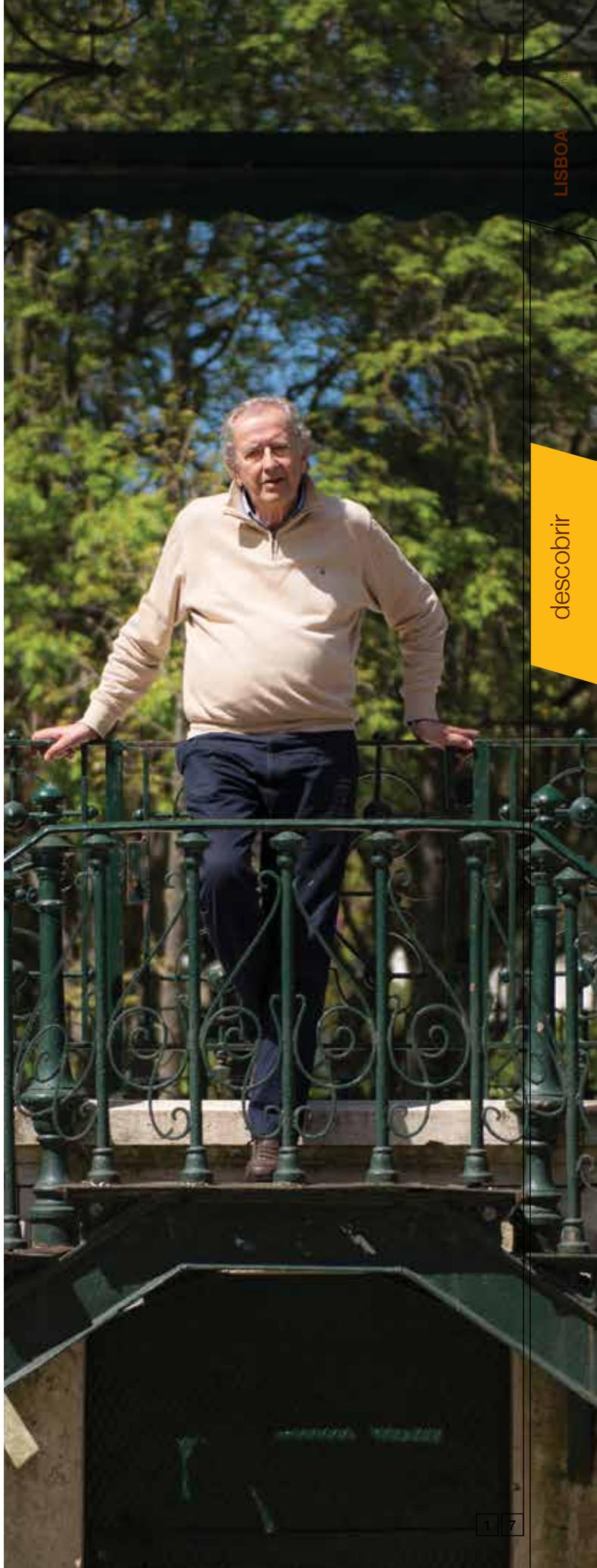
António Costa, depois, que se começou a recuperar a zona antiga a par da modernização das estruturas, de uma maneira inteligente. Hoje, a modernização da cidade não é feita à custa da destruição do património, mas em conjugação com a sua recuperação.

Mas a coisa mais decisiva, que me faz gostar cada vez mais desta cidade, foi a abertura ao rio, graças à Expo e ao acesso às docas. Tínhamos o rio nos olhos, mas não tínhamos acesso a ele. Quase não havia esplanadas junto ao rio. Hoje tudo isso mudou e foi isso que fez reconciliar-me com Lisboa. Hoje adoro Lisboa.

RL – Por isso é também uma cidade mais cosmopolita e menos cinzenta...

APV – A comida é um bom indicador deste processo. Havia tascas muito boas, com excelente comida tradicional. Isso foi-se degradando e sendo substituído por uma pseudo-modernização da cozinha, que não era “carne nem peixe”. Era o que um amigo meu chama “os jaquinzinhos com natas”. Foi um período horrível, em que não se podia comer em quase lugar nenhum. Hoje recuperou-se alguma da comida tradicional, e mesmo regional, com qualidade (alentejana, minhota, madeirense, goesa), a par de restaurantes novos de todo o tipo, com comida excelente para todos os gostos, com novos conceitos de ementa, de decoração, de cultura, de descontração e de conforto, desde os novos *chefs* a restaurantes italianos, japoneses, etc, com alguma qualidade. É indicador de um processo que envolve toda a cidade, em vários níveis de oferta.

Hoje, em muitas câmaras do país, o poder municipal, durante tantos anos visto – por vezes com justiça – como dirigido por autarcas que não respeitavam os interesses locais, incompetentes e até corruptos, tem feito a diferença em muitas cidades, mas em Lisboa é por demais evidente, e digo-o com toda a convicção. Hoje, o Terreiro do Paço e a frente ribeirinha — mas também outras zonas da cidade — são o espelho disso: são a porta de uma cidade histórica, mas aberta ao mundo, que acolhe quem entra, e sabe despedir-se de quem sai. 🍷



No seu bulício, a cidade parece nem dar por eles. Rostos anónimos, corpos, braços de trabalho, mãos calejadas; os ruídos das suas máquinas e ferramentas perdem-se entre outros, os dos carros, dos sapatos, das vozes, das buzinas... Perdem-se entre a pressa e a indiferença. Mas se parassem, se por um dia deixassem de fazer também o seu ruído, a cidade afinal perceberia quanto lhe são úteis, e que sem eles Lisboa não era a mesma coisa.



BRIGADAS LX

Os cuidadores da cidade

[texto de José Manuel Marques | fotografia de Ana Luísa Alvim e Nuno Correia]

Restauradores da calçada

A cidade já acordou. Passam as gentes apressadas para o trabalho e na bela calçada artística da Avenida da Liberdade, soalheira, o martelar de Nuno Santos ecoa entre o ronco dos carros e os passos acelerados. Afasta o areão, escolhe a pedra, vira-a e revira-a até que encaixe na perfeição.

Não perde tempo a procurar outra pedra, este calceteiro com 50 anos de idade e funcionário municipal há 28. Tira-lhe as medidas a olho e a tarefa repete-se até que a obra de arte esteja de novo restaurada, numa espécie de intervenção cirúrgica que se reinicia mais acima. E de novo, e de novo. Começaram às oito da manhã, vão andar nisto o dia todo.

Trabalho pronto? Não. É preciso varrer o resto do areão, bater forte com o maço e molhar o “remendo” até que não se note a diferença.





São cinco homens nesta brigada diurna, há mais duas, e uma delas é noturna porque cuidar da cidade é tarefa permanente. Estamos perante operários especializados que, com orgulho, nos contam que recentemente estiveram no Rio de Janeiro a dar formação — já passaram por outras cidades do Brasil e por países como França, Bélgica, Timor ou São Tomé.



Pintores da noite

Pouco passa das nove da noite e a carriinha da brigada de pintura de sinalização

horizontal chega à Rua Joaquim Bonifácio. Objetivo: pintar uma *yellow box* no pavimento frente à entrada lateral do edifício da Polícia Judiciária, uma daquelas “caixas amarelas” que assinalam onde o trânsito não pode parar.

Com um pedaço de giz e uma fita métrica, José Oliveira, fiscal municipal e encarregado da equipa, marca o chão. Rapidamente se estica uma corda, e um pincel traça de branco o asfalto, construindo um autêntico *puzzle* de riscos.

Enquanto isso, António Matos prepara a traçadora, uma espécie de moto com três rodas. O motor ronca, aponta a mira ao risco e empurra devagar a máquina, que vai jorrando o jato de tinta amarela. Primeiro numa das faixas de rodagem, porque o trânsito controlado pela brigada da Polícia Municipal não pode parar, depois no outro lado. Serão algumas horas nisto, cerca de quatro passagens divididas pelos ângulos e pelo centro, pois é preciso respeitar períodos de secagem.

Trabalham até às duas da manhã e, se tiverem tempo, seguem ainda para outro serviço, diz-nos este pintor de pavimentos de 49 anos de idade, e há 32 na Câmara, sempre nesta brigada. A equipa é constituída por seis, incluindo o motorista e o chefe, um deles fica sempre no armazém a pintar sinais de trânsito.

Já a sinalização vertical é assegurada por duas equipas noturnas e uma diurna, que garantem a colocação de novos sinais de trânsito indicando parques de estacionamento (pessoas com mobilidade condicionada, motociclos, bicicletas), zonas de cargas e descargas, entre outros, e que fazem a manutenção deste tipo de sinalização em todas as vias estruturantes da cidade.

Cozinheiros de alcatrão

Largo da Luz, ainda não são nove da manhã e a “estrela” da brigada do alcatrão, vulgo tapa-buracos, já se vê ao longe. Sobressai pelo laranja da pintura, essa máquina que faz maravilhas. Chamam-lhe a *bimby* e não é por acaso, pois



basta encher a espécie de caldeira com o *bago de arroz* (gravilha) e a *cola* (alcatrão), que ela mantém o preparado nos 60 graus necessários de temperatura.

O camião que a transporta detém-se junto do buraco. Antônio Branquinho, de 46 anos de idade e há 16 neste serviço, agarra-se ao braço da máquina que faz lembrar um *robot*. Primeiro aciona a opção de sopro para que o buraco fique limpo de qualquer poeira, deixa depois sair um pouco de alcatrão e logo faz jorrar a massa com a gravilha. “Foi a melhor coisa que nos podiam ter dado”, exclama, desabafando que torna a tarefa bem menos penosa.

Está pronto, virá depois o pequeno cilindro para acamar a massa e regularizar o pavimento, a *bimby* segue para outro buraco mais à frente, enquanto o encarregado-geral Jorge Gouveia, de 58 anos e há 40 na Câmara, nos diz que a brigada é composta por oito homens. Dois andam com a *bimby* e os restantes trabalham no asfalto com o processo tradicional, mas vão rodando. Tiveram toda formação específica para operar com esta máquina.

Homens alerta

Seguimos com Jorge Gouveia, também responsável pela Brigada Alerta: cerca de dez

operários que constituem uma equipa multifunções para reparações diversas em toda a cidade. Tratam das tampas dos esgotos, das grelhas, dos lancis dos passeios e dos pilaretes, rebaixam passeios, desentopem sarjetas, e ainda asseguram a manutenção dos mercados municipais.

Têm a categoria de assistentes operacionais porque é assim que agora se designam os operários na administração local, mas são oriundos das mais diversas especializações – de canalizadores a carpinteiros, de pintores a pedreiros ou electricistas.

Passa pouco das dez da manhã e chegamos à Rua Luís de Freitas Branco, no Lumiar, lá estão a mudar uma tampa de esgoto partida. O tempo está quente.

São três homens. O Diogo Neves agarra ao martelo pneumático para desprender a tampa, enquanto Antônio Gonçalves vai limpando o alcatrão que salta e Gilson Nantes prepara um pouco de cimento. Experimentam, limpam mais um pouco, encaixam e prendem com cimento. Tempo para limpar o suor do rosto, beber um gole de água e seguir para outra tarefa.

“Fazemos um pouco de tudo”, diz-nos Diogo, 30 anos de idade e há cerca de dez na



autarquia. “É um trabalho importantíssimo e pouca gente o valoriza”, continua, explicando que cada tampa pesa entre 75 e 90 quilos.

Melhor serviço

Criadas depois da última reorganização administrativa de 2015, as Brigadas LX contam com cerca de 71 trabalhadores operacionais e quatro assistentes técnicos. Respondem a diversas solicitações, particularmente às ocorrências registadas no portal “Na Minha Rua”, e intervêm nos sectores ou locais que não estão sob a responsabilidade das juntas de freguesia.

Desde a constituição destas equipas, registaram cerca de 13 mil ocorrências, numa

média de 138 por semana, revela-nos Hugo Cândido, engenheiro e coordenador-geral deste serviço sob a dependência da Unidade de Coordenação Territorial (UCT). A responsabilidade é partilhada com António Pedroso, engenheiro, que intervém sobretudo na vertente logística e compras.

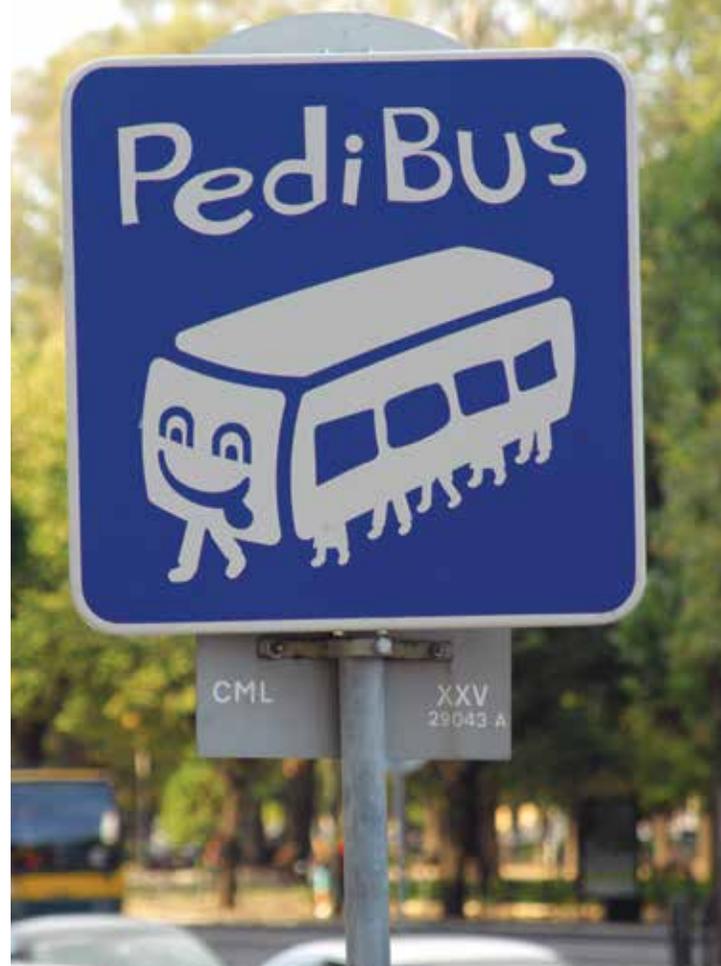
Melhoraram bastante a prestação da autarquia, diz-nos, sublinhando que a aquisição recente de equipamento e maquinaria permitiu agilizar bastante o trabalho, de que é exemplo a famosa *bimby*. «No início tínhamos uma média de 300 ocorrências em execução e esse número hoje ronda as 120», revela, para ilustrar que a resposta é agora mais rápida e eficaz. 🗑️

A CAMINHO DA ESCOLA

O *Pedibus* é um projeto municipal que visa apresentar uma solução segura e divertida para chegar à escola, poupando recursos e contando com a participação dos pais e com as valências de cada bairro. Na escola Sampaio Garrido, aos Anjos, vinte e dois meninos participam neste modo diferente de começar o dia.

Carlos, de oito anos, é o primeiro menino a chegar junto das monitoras e dos pais a quem calhou, neste dia, a tarefa de levar as crianças até à escola que frequentam. O ponto de encontro é sempre o mesmo e à mesma hora, todos os dias de aulas. Faça chuva ou faça sol, o *Pedibus* faz-se sempre. Não tardou muito e começaram a chegar outros colegas para grande satisfação do Carlos. Começaram também as brincadeiras e retomaram-se as conversas interrompidas do dia anterior. À hora marcada, e com todos os meninos a postos, lá se deu início a mais uma viagem até à Escola Secundária Luísa de Gusmão.

O *Pedibus* é um projeto municipal desenvolvido em parceria com APSI (Associação para a Promoção da Segurança Infantil), a Associação de Cidadãos Auto-Mobilizados, a Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Básica Sampaio Garrido e a Polícia de Segurança Pública; e visa promover desde cedo, junto dos mais novos, os conceitos de segurança rodoviária e de mobilidade suave, incentivando o andar a pé na cidade



— ao mesmo tempo que se procura evitar os engarrafamentos junto às escolas durante as largadas e tomadas de crianças. A participação é aberta a todos: alunos, escolas e famílias. O modelo é flexível e pode ser adaptado às especificidades ou necessidades de cada agrupamento de escola ou associação de pais, aproximando pessoas e promovendo a convivência de bairro.

E antes do toque de entrada já lá estão. Carlos entra com os amigos e despede-se das monitoras e dos pais que hoje acompanharam a sua viagem. Amanhã há mais. 🚶



Murtas em Rede Por um bairro melhor

Murtas em Rede é um projeto desenvolvido na freguesia de Alvalade, no Bairro das Murtas, pelo Centro Social Paroquial do Campo Grande, no âmbito do programa municipal BIP/ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária.



O projeto está desenhado em três níveis: o bairro, o lote, a família/o morador. Compreende várias atividades, como a ocupação de tempos livres para a população jovem e adulta (viola, sevilhanas, judo, arte e costura); programas para crianças em estreita articulação com as famílias e a escola; e encontros de vizinhos, entre outras iniciativas. Um trabalho em rede com várias entidades parceiras, que contribui para um bairro melhor e para a construção da cidadania.

Mais informação:

<https://www.facebook.com/cspcg/>
<http://igrejacamogrande.pt/cspcg/>

Fáisca Gerador

Fáisca Gerador é um projeto promovido pela Associação Cultural Gerador, no âmbito do programa municipal BIP/ZIP — Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária, que visa dar a oportunidade a jovens, dos 16 aos 30 anos, de aprenderem várias artes com artistas profissionais, para que no futuro sejam eles próprios os artistas.



Este projeto, que se destina, maioritariamente, aos habitantes dos Bairros de Intervenção Prioritária da Alta de Lisboa Sul e da Rua de São Paulo, contempla quatro áreas formativas — ilustração, teatro, fotografia e arte urbana, todas elas de acesso gratuito.

Na sua execução, Fáisca Gerador conta com o apoio de vários parceiros, nomeadamente das juntas de freguesia do Lumiar e da Misericórdia, do São Luiz Teatro Municipal e de várias entidades privadas como a Marginal, a Cook4me, a CityDrive, a Fujifilm, a Galeria Barbadó, o Estúdio Nuno Saraiva, entre outros, que fazem deste projeto um verdadeiro gerador de talentos.

Mais informação:

gerador.eu/faisca
facebook.com/faiscagerador
instagram.com/faiscagerador

Gente Online

O projeto *Online* resulta do programa municipal BIP/ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária e é promovido pela Associação de Interajuda de Jovens Eco-estilistas, em parceria com a Junta de Freguesia de Marvila. Conta também com o envolvimento da Cerci Lisboa, da Associação Yes+ e da Associação EAYE.

O projeto desenvolve-se em torno de três eixos programáticos:



Bons Domingos Intergeracionais — um espaço de ocupação de tempos livres para jovens e seniores que, aos domingos, promove o diálogo entre gerações;

Alta-Costura com Alta-Gente — ateliês de reciclagem e reutilização de materiais para produção de peças de alta-costura, com a participação de jovens da comunidade e de utentes da Cerci Lisboa;

Rádio ZIP — a primeira rádio *online* jovem de Marvila visa promover a comunidade e dar voz aos mais jovens.

O grande objetivo do projeto é colocar *online* todas as pessoas envolvidas, isto é, que todos possam usar as suas capacidades para o exercício de uma cidadania ativa.

Mais informação:

info@ecoestilistas.pt
www.ecoestilistas.pt

Programa Lisboa vai ao Parque

A iniciativa *Lisboa vai ao Parque* está de volta para animar os parques e os jardins da cidade.

A 3.ª edição deste programa municipal pretende promover a prática desportiva ao ar livre e a plena fruição dos espaços verdes pelas famílias. Teve início no dia 29 de abril e decorre em 11 parques da cidade, até dia 30 de setembro, com exceção do mês de agosto.

Este programa, dirigido à população em geral e totalmente gratuito, visa fomentar hábitos de vida saudáveis através da prática regular do exercício físico,



Candidatura de Lisboa a Capital Europeia do Desporto

Lisboa é candidata a Capital Europeia do Desporto em 2021. Desde a apresentação da candidatura, em junho do ano passado, que decorrem várias iniciativas para promover a atividade desportiva e dar visibilidade a este projeto.



Olisipiadas 3.ª edição

A 3.ª edição das Olisipiadas continua com os jogos da fase local, contando com várias atividades em diversos locais da cidade, com o objetivo de promover o desporto junto dos jovens e dar a conhecer várias modalidades. Existem 13 atividades nesta competição.



potenciando a aproximação das pessoas aos vários equipamentos ao ar livre disponíveis na cidade.

Lisboa vai ao Parque conta com o apoio das juntas de freguesia, de várias associações locais e de um conjunto de parceiros desportivos, culturais e outros, que participam com a promoção de rastreios de saúde, aulas de zumba, ioga, pilates, corridas e trail, jogos tradicionais, dança, leitura de contos, volteio equestre, e várias outras atividades recreativas para toda a família.

Mais informações e programas dos vários parques em:

www.cm-lisboa.pt/viver/desporto/lisboa-vai-ao-parque

Estas iniciativas têm contado com o envolvimento de clubes, juntas de freguesia, federações e associações desportivas, com o propósito de mobilizar os agentes desportivos para a conquista deste importante galardão. Através do empenho de várias entidades na dinamização de ações regulares e consistentes que promovem a atividade física e o desporto para todos, Lisboa espera tornar-se uma cidade mais sustentável e dinâmica, e este é o caminho para 2021 (#roadto2021#).

Conheça os vários eventos que a cidade tem vindo a promover para si:

www.facebook.com/lisboacapitaleuropeiadodesporto2021

Este ano, o número de participantes foi superado relativamente ao ano passado, envolvendo perto de 10 mil atletas. A fase final dos jogos está agendada para os dias 3 e 4 de junho (sábado e domingo) no Estádio Universitário de Lisboa. No local, estarão disponíveis várias atividades lúdico-desportivas abertas à população e à família, além dos jogos finais desta edição.

Esteja atento aos vários momentos das Olisipiadas, participe e saiba tudo em:

www.facebook.com/olisipiadas

Junte-se a nós e beneficie de descontos em combustível.

Ao tornar-se membro da Associação Mutualista Montepio usufrui de descontos e vantagens, nomeadamente em combustível. Solicite o seu Cartão Montepio Repsol e beneficie do desconto imediato de 6 cêntimos por litro por abastecimento de combustível. Sem obrigatoriedade de consumo ou campanhas promocionais, basta apresentar o Cartão num dos postos aderentes. E ainda pode aceder ao Programa Repsol Move e acumular mais vantagens com os seus pontos Repsol. É assim que a Ana e as cerca de 650 mil pessoas que nos acompanham poupam todos os dias.

**Juntos por um,
juntos por todos.**

montepio.org



**Associação
Mutualista
Montepio**

Juntos por todos

Lisboa Participa

tem novo portal



Assinalar dez anos do Orçamento Participativo, já está *online* o novo portal “Lisboa Participa”, que reúne instrumentos de participação cidadã como o Orçamento Participativo e as aplicações Na Minha Rua, Lisboa Aberta, Lisboa em Debate e LisBoaldeia.

O Orçamento Participativo e as aplicações Na Minha Rua e Lisboa Aberta já estavam em funcionamento no *site* da CML. A estes instrumentos juntam-se, agora, no portal, dois novos módulos que visam recolher sugestões e contributos: Lisboa em Debate e LisBoaldeia.

As vantagens são relevantes para os cidadãos, uma vez que poderão encontrar, num único espaço virtual, as diferentes ferramentas de participação que a autarquia coloca à sua disposição.

A criação destas plataformas enquadra-se no projeto *Ena-*

bling Multichannel Participation Through ICT Adaptations - EMPATIA, que está a ser promovido por um consórcio (composto por entidades académicas e sem fins lucrativos, e por empresas), sob coordenação do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. 

Vale a pena conhecer e participar em www.lisboaparticipa.pt

App de senhas virtuais para lojas

LISBOA

Os munícipes que necessitam de tratar de qualquer assunto nos serviços de atendimento ao munícipe – *Loja Lisboa*, localizadas em Alcântara, Entrecampos, Baixa e Lumiar – contam agora com um novo e inovador serviço de senhas virtuais.

Disponível para dispositivos móveis iOS e android, a nova App permite emitir virtualmente uma senha

para a *Loja Lisboa* mais próxima do cidadão (por mapa Google ou GPS), ou para outra da sua preferência. Fornece informações sobre a evolução em tempo real dos atendimentos e filas de espera, possibilita o agendamento da entrega de projetos de urbanismo e obras ou a reserva do atendimento para uma determinada hora e serviço. 

VIVER ▾

VISITAR ▾

INVESTIR ▾

PARTICIPAR ▾

SERVIÇOS ▾

MUNICÍPIO ▾

Ambiente
Animais de Companhia
Cemitérios
Comércio
Cultura e Lazer
Desporto
Educação
Habitar
Higiene Urbana
Mobilidade
Segurança
Intervenção Social
Urbanismo



Desporto no Parque

Já aí está o bom tempo, tudo a convidar para saudáveis e relaxantes passeios pelos muitos espaços verdes da cidade, à procura do necessário retempero de forças e de ânimo. E que tal se tudo isso for acompanhado com desporto?

Entre os muitos programas desportivos que a cidade oferece, com vasta informação disponível na página respetiva do sítio *online* da Câmara Municipal, destacamos, neste número, as edições de *Lisboa Vai ao Parque* e Circuito dos Parques de Lisboa.

Ambos os programas pretendem incentivar a prática da atividade física ao ar livre e proporcionar condições para a plena fruição dos espaços verdes pelas famílias, com atividades para todas as idades.

O *Lisboa Vai ao Parque* propõe, até setembro, atividades lúdico-desportivas em onze parques ou jardins de diversas freguesias; o Circuito dos Parques desafia os Lisboetas, também até setembro, a participarem em cinco provas em outros tantos parques da cidade.

No conforto da sua cadeira pode consultar a informação disponível, depois é “só” mexer-se, conviver e desfrutar a natureza. 

Pode entrar diretamente em <http://www.cm-lisboa.pt/viver/desporto/lisboa-vai-ao-parque>

App NAMINHARUALX

Com a nova *app Na minha Rua* é agora possível aceder à plataforma *online* da Câmara Municipal de Lisboa via IOS, Android e Windows Mobile, para registar ocorrências na via pública e solicitar intervenção municipal. Mais uma ferramenta disponível para os cidadãos no contacto com a autarquia através deste portal,

que agora passa a contar com uma interface para dispositivos móveis. Para aceder, o utilizador precisa de se registar, podendo depois comunicar incidentes na via pública, ser informado do seu estado de resolução, seguir as participações de outros utilizadores, pesquisar ocorrências na cidade de acordo com um conjunto de critérios, incluindo o critério de proximidade, e receber notificações. 

A *app Na Minha Rua Lx* está disponível *online* em:
<https://naminharualx.cm-lisboa.pt>





LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL



**Uau.
Incrível.
Super!
Bravo.
Like!**

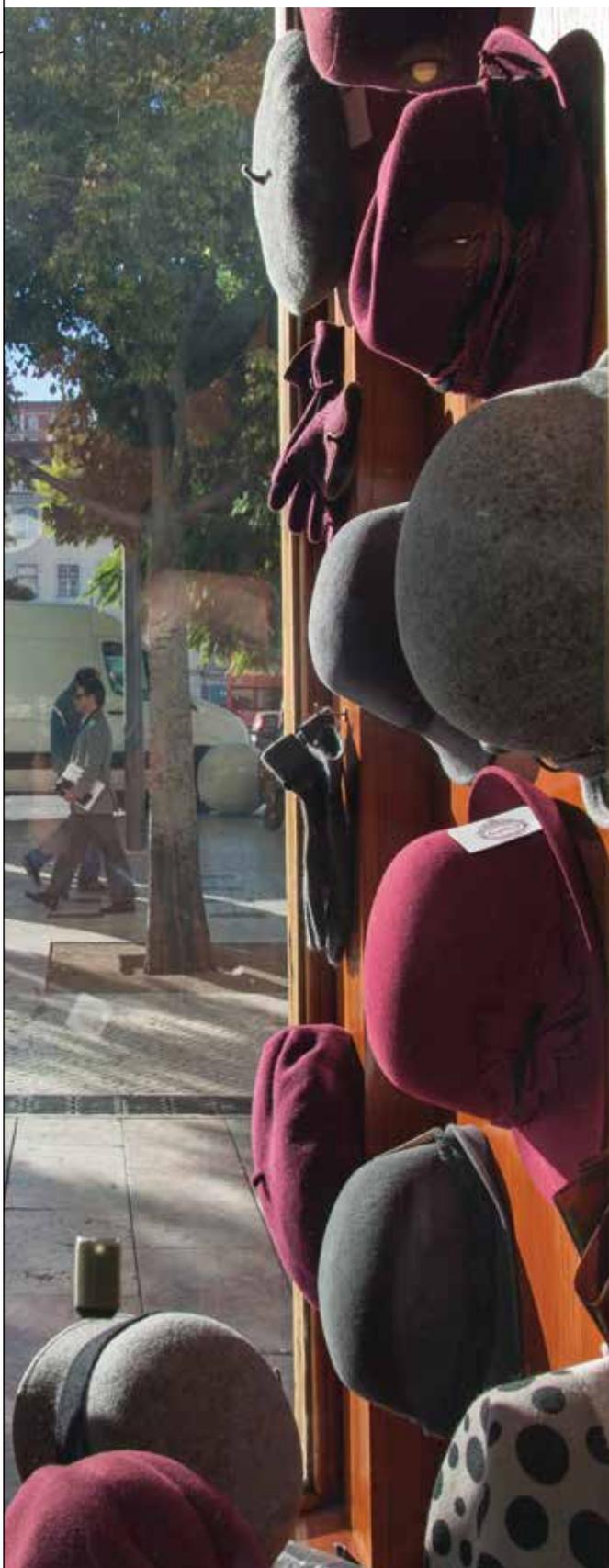
**A Biblioteca
quer tirar ideias
da prateleira,
desarrumar
preconceitos
e juntar
a comunidade.**

As pessoas fazem a Biblioteca

LOJAS COM HISTÓRIA



Proteger o património material e imaterial legado pelo comércio tradicional é o objetivo do programa municipal “Lojas com História”, que visa salvaguardar os estabelecimentos com características únicas e diferenciadoras (arquitetura, decoração, atividade, saberes, referências locais), evitando o seu encerramento.



Depois de um Grupo de Trabalho (que inclui elementos transversais a vários serviços camarários e uma equipa da Faculdade de Belas Artes de Lisboa) ter procedido ao levantamento, caracterização, mapeamento e definição de critérios para a classificação das “Lojas com História”, a autarquia submeteu à discussão pública, no verão de 2016, dois projetos de regulamento, entretanto aprovados em reunião de Câmara e na Assembleia Municipal.

O Regulamento do Fundo Municipal “Lojas com História” – contemplando uma verba de 250 mil euros para o corrente ano – enquadrará uma linha de apoio financeiro para a preservação deste importante património da cidade. Poderão desde já candidatar-se a este apoio as 82 lojas entretanto selecionadas em Conselho Consultivo (que integra personalidades externas, como académicos, representantes das associações do sector, historiadores, olisipógrafos, jornalistas e ativistas cívicos). Consideram-se elegíveis a este fundo as obras de reabilitação, a conservação do espólio, a introdução de inovação na atividade, a divulgação dos espaços, as iniciativas culturais, ou outras propostas que ajudem a valorizar este património. As lojas candidatas poderão ainda usufruir da isenção de algumas taxas.

Outras lojas podem agora candidatar-se, com a publicação do Regulamento de Atribuição da Distinção “Lojas com História” que define os critérios de classificação e os procedimentos a adotar. A par da criação da insígnia distintiva, foi também criado um site que funciona como plataforma de divulgação e acesso às candidaturas, para além de um guia e da produção de vídeos sobre os espaços comerciais emblemáticos da cidade.

Paralelamente, a autarquia pretende ver aprovadas, na Assembleia da República, diversas alterações legislativas ao Novo Regime de Arrendamento Urbano, de 2012, nomeadamente a introdução de um mecanismo de manutenção dos contratos de arrendamento, referente aos locados que venham a ser classificados pelos municípios, em prédios objeto de demolição, remodelação ou restauro. 🏠

Saiba mais em lojascomhistoria.pt
Contacto: lojascomhistoria@cm-lisboa.pt

LISTA DE LOJAS A DISTINGUIR

- A CARIOCA
Rua da Misericórdia, 9
- A Ginjinha (S. Domingos)
Largo São Domingos, 8
- A Ginjinha Sem Rival (Eduardino)
Rua das Portas de Santo Antão, 7
- A Minhota
Rua de São José, 138-140
- A Veneziana
Praça dos Restauradores, 8
- André Ópticas (Óptica do Chiado)
Rua Garrett, 63-65
- Aníbal Gravador
Rua Nova do Almada, 64
- Arqui Chique
Rua Conceição, 83
- Au Petit Peintre
Rua de São Nicolau, 104
- Bar Americano
Rua Bernardino Costa, 29-35
- Barbearia Campos
Largo do Chiado, 4
- Brasileira
Rua Garrett, 120-122
- British Bar
Rua Bernardino Costa, 52-54
- Café Nicola
Praça Dom Pedro IV, 25
- Café Rest. Martinho da Arcada
Rua da Prata, 2/8
- Camisaria Pitta
Rua Augusta, 195-197
- Casa Achilles
Rua São Marçal, 194
- Casa Buttuller
Rua Barros Queirós, 37-39
- Casanostra
Travessa do Poço da Cidade, 60
- Casa Frazão
Rua Áurea, 167-173
- Casa Forra
Poço do Borratém, 32
- Casa Havaneza
Largo Chiado, 25
- Casa Macário
Rua Augusta, 272-274
- Casa Pereira
Rua Garrett 38
- Casa Pereira da Conceição
Rua Augusta, 102-104
- Casa Xangai
Avenida da República, 19
- Caza das Vellas Loreto
Rua do Loreto, 53-55
- Chapelaria Azevedo
Rua
Praça Dom Pedro IV, 69 e 75
- Confeitaria Nacional
Praça da Figueira, 18A-18D
- Conserveira de Lisboa
Rua dos Bacalhoeiros, 34-34ª
- Drogaria de São Domingos
R. Dom Antão de Almada, 4-4A
- Espingardaria Central A. Montez
Praça Dom João da Câmara, 3
- Farmácia Andrade
Rua do Alecrim, 123-127
- Farmácia Barreto
Rua do Loreto, 26-30
- Ferragens Guedes
R. das Portas de Santo Antão, 32
- Farmácia Morão
Largo da Graça, 63 E-I
- Farmácia Normal
Rua da Prata, 216-220
- Fotografia Triunfo
Rua do Poço dos Negros, 69
- Florista Pequeno Jardim
Rua Garrett, 61
- Francisco Soares da Silva
Travessa da Fábrica dos Pentes, 4
- Franco Gravador
Rua da Vitória, 40
- Galeto
Avenida da República, 14
- Ginjinha Rubi
Rua Barros Queirós, 27
- Hospital das Bonecas
Praça da Figueira, 7
- Joalheria do Carmo
Rua do Carmo, 87 B
- Joalheria Ferreira Marques
Praça Dom Pedro IV, 7-9
- João Bento Vicente
Rua dos Remolares, 24
- Jomil
Rua Áurea, 249
- Leão d'Ouro
Rua 1º Dezembro, 103-107
- Leitão e Irmão
Largo do Chiado, 16-17
- Leitaria A Camponeza
Rua dos Sapateiros, 155-157
- Livraria Aillaud & Lellos
Rua do Carmo, 82
- Livraria Ferin
Rua Nova do Almada, 70-74
- Londres Salão
Rua Augusta, 277-279
- Luvaria Ulisses, Rua do Carmo, 87A
- Manteigaria Silva
R. Dom Antão de Almada, 1C-1E
- Manuel Tavares
Rua da Betesga, 1A-1C
- Ourivesaria Barreto e Gonçalves
Rua das Portas Santo Antão, 17
- Ourivesaria Sarmento
Rua Áurea, 251
- Panificação Mecânica
Rua Silva Carvalho, 209
- Paris em Lisboa
Rua Garrett, 77
- Pastéis de Belém
Rua de Belém, 84-90
- Pastelaria Benard
Rua Garrett, 104-106
- Pastelaria Mexicana
Avenida Guerra Junqueiro, 30 C
- Pastelaria Versailles
Avenida da República, 15A
- Pavilhão Chinês
Rua Dom Pedro V, 89-91
- Pérola de São Mamede
Rua Nova de São Mamede, 19 A
- Pérola do Chaimite
Avenida Duque de Ávila, 38
- Pérola do Rossio
Praça Dom Pedro IV, 105
- Primeira Casa das Bandeiras
Rua dos Correiros, 149-151
- Príncipe Real Enxovais
Rua Escola Politécnica, 12
- Quiosque Tivoli, Rua da Prata, 171
- Restaurante Estrela da Sé
Largo de Santo António da Sé, 3-5
- Restaurante Faz Frio
Rua Dom Pedro V, 96
- Restaurante João do Grão
Rua dos Correiros, 222-226
- Restaurante Tavares
Rua da Misericórdia, 35-39
- Retrosaria Bijou
Rua da Conceição, 91
- Sapataria do Carmo
Largo do Carmo, 26
- Sapataria Lord
Rua Augusta, 199-203
- Soares & Rebelo
Rua Dom Antão de Almada, 1-1 B
- Tabacaria Martins
Largo do Calhariz, 4
- Tabacaria Mónaco
Praça Dom Pedro IV, 21



Lojas com Alma

Paris em Lisboa

Em 1888, no coração do Chiado, abria portas, nos números 77 e 79 da Rua Garrett, uma “casa de modas”, por iniciativa de dois antigos empregados da Casa Quaresma: Arthur Lourenço de Souza e Henrique Pires Monteiro. Tecidos e confeções em seda, lã e veludo eram vendidos a par de acessórios de moda como chapéus e capelines, mantilhas, luvas, cintos, gravatas, fitas e laços, bem como punhos, colarinhos e peitilhos de camisas. A designação *Paris em Lisboa* resultou do facto de os tecidos terem a sua proveniência na capital da *Belle Époque*, de onde vieram também um alfaiate e uma costureira, detentores dos segredos do *métier* e dos modelos da última moda.



Após obras de remodelação, em junho de 1894, o estabelecimento, sob os auspícios da firma “Sousa, Monteiro & Commandita”, passou a apresentar o aspeto que ainda hoje mantém quase intacto: os três pisos (incluindo loja e sobreloja), então com os ateliês de costura e pro-
va no último piso, o mobiliário em madeira e a grande pala de ferro forjado sobre a principal entrada, em estilo *art nouveau*. Em 1902, quando o estabelecimento já se especializara em confeções para a clientela feminina, a rainha D. Amélia outorgou-lhe a distinção de “Fornecedores de Sua Real Caza”. Um anúncio de 1908

[texto de Luís Miguel Carneiro | fotografia de Ana Luísa Alvim

revela a oferta: vestidos, chapéus, confeções, blusas, saias, *matinées*, *robes de chambre*, *écharpes*, sombrinhas e tecidos (lã, seda, linho e algodão).

Já em plena República, Arthur de Souza (também proprietário da loja *Lanifícios da Moda*, na Rua Augusta) e seus familiares tomaram a totalidade do estabelecimento, sob a firma “A. de Sousa & C.^a, Lda.” As confeções - produzidas “sob uma artística direção”, após a escolha dos feitios pelas clientes - foram cedendo a primazia aos tecidos, comprados “diretamente em Paris”. Na década de trinta, uma secção de perfumaria instala-se no primeiro piso e as fazendas e meias de vidro foram ocupando o espaço. “Vendíamos quilómetros de tecidos”, recorda o atual gerente, Carlos Sousa Gomes, representante da família que mantém a propriedade do estabelecimento. Foi durante os surpreendentes anos sessenta que a *Paris em Lisboa*, adaptando-se às contínuas novidades da década, introduziu a venda de malhas e do pronto-a-vestir.

Nos anos setenta o pronto-a-vestir acabaria por ditar a morte da venda de tecidos. É então que a secção dos “brancos” (roupa de cama, mesa e banho) toma conta de toda a

loja. São as colchas, os lençóis, os atalhados e os cortinados que passam a ter lugar de destaque e a ocupar, desde a remodelação de 2006, os três pisos da centenária loja. “Nem tudo se pode perpetuar no tempo”, constata José Carlos de Sousa Gomes, algo filosoficamente. “As casas que ficaram são as que souberam adaptar-se às novas situações do mercado; quando o negócio não evolui, mais vale fechar as portas”, conclui o experimentado comerciante.

Nos nossos dias, são os estrangeiros que mais procuram a *Paris em Lisboa*. E são estas lojas antigas que eles fotografam e filmam todos os dias, porque são elas que espelham a identidade da cidade. “As casas mais emblemáticas são as que temos de preservar, se não o fizermos, sã irão restar as multinacionais”, prevê Sousa Gomes. Até lá, a *Paris em Lisboa*, por onde passaram os nomes mais sonantes da sociedade lisboeta, continua a contar com a sua seleta clientela, nacional ou estrangeira. “Comprar bem e tratar bem” é o lema da casa. Neste raro local, onde ainda é possível encontrar peças únicas e de qualidade excepcional, o orgulho dos Lisboetas no seu comércio encontra um caminho de futuro. 🏠





Lena - cabeleireira

Uma alentejana apaixonada por Lisboa

Maria Helena Martins da Silva nasceu em Relíquias, uma bela aldeia alentejana, no concelho de Odemira, distrito de Beja. Mas foi aos 13 anos que, numas férias de Liceu, se apaixonou por Lisboa, e descobriu a arte de ser cabeleireira.

Menina Lena, como habitualmente é conhecida, daí o seu salão se designar Lena Cabeleireiros, vive e trabalha frente ao renovado Mercado de Arroios. É cabeleireira há muitos e muitos anos e, também, «psicóloga, amiga, confidente dos que mais precisam e se sentem sós», conforme nos confidenciou.

Não, não fomos arranjar o cabelo, nem fazer um corte da moda, fomos conhecer a “menina Lena”, cabeleireira no bairro de Arroios há quase 40 anos. Subimos ao primeiro andar do prédio onde a nossa cabeleireira exerce a sua profissão. Somos surpreendidos com um rasgado sorriso, e convidados a entrar no seu espaço acolhedor.

Lena não aparenta a idade que tem, mas também não a vamos revelar. Conserva traços jovens, que o tempo teima em não apagar, longos cabelos com caracóis, bem tratados, não fosse ela uma artista do *métier*.

Rodeada de espelhos, onde se refletem os artefactos da profissão, como os antigos secadores que nos

[texto de Sara Inácio | fotografia de Nuno Correia]

lembram capacetes de astronautas, mas que ainda funcionam, Lena desfia a sua estória de vida, enquanto ultima, com escova e secador, um penteado a uma cliente.

«Eu ainda sou do tempo do plix, das permanentes, a quente, a frio, a morno, dos bigodis...» Dá uma enorme gargalhada, explicando que hoje as ondulações já se fazem com outras técnicas, para não estragar o cabelo, e continua: «Estava a estudar no Liceu, em Beja, e nas férias de verão vim a Lisboa, com o meu irmão, visitar uma prima que tinha um salão de cabeleireira no Chiado. Meu Deus, fiquei fascinada com aquele mundo. Quando saí disse ao meu irmão "é isto que eu quero ser - cabeleireira!" Tinha treze anos. Foi complicado convencer os meus pais, mas como era família lá me deixaram partir. Arminda e Antónia era o nome do salão. Um dos mais chiques da Baixa, frequentado por muitas figuras da altíssima sociedade, artistas, políticos...»

Apesar de não ganhar salário, tinha muitas gratificações. Havia uma senhora que mandava o *chauffeur* buscar-me para ir a casa dela e dava-me 400 escudos, muito mais do que as cabeleireiras ganhavam. Ainda hoje conservo uma cliente dos tempos do Chiado. Tem 91 anos, prima do jornalista Baptista-Bastos, e como esta senhora, muitas outras. Já

aqui tenho clientes de quatro gerações", conta-nos, orgulhosa.

Depois de uma curta experiência emigratória no Brasil, motivada por um "desgosto de amor", voltou para Portugal, e foi graças à ajuda do pai que montou o seu próprio negócio de cabeleireira. Aqui se estabeleceu em 1978.



É dedicada à sua profissão e aos seus clientes. Ainda hoje vai a casa daqueles que, por vários motivos de saúde, não podem vir à sua. «Vou com todo o amor e carinho. A eles devo este gesto de agradecimento, e volto feliz por saber que lhes devolvi alguma autoestima. Muitos vivem mergulhados numa profunda solidão. Falamos do mundo cá fora, rimos, corto o cabelo,

pinto...», confessa-nos com um brilhinho nos olhos.

Lena foi a primeira mulher a ocupar cargos diretivos na Associação Portuguesa de Barbearias Cabeleireiros e Institutos de Beleza. Fez televisão, notabilizou-se como júri, em Lisboa, num grandioso evento – *24 horas de coloração* –, que entrou para o Guinness World Records, organizado por uma reconhecida marca alemã. Atualmente mantém a atividade de formadora e continua a ser solicitada para júris, na sua área.

Diz ser uma pessoa de paixões e ama desesperadamente Lisboa. Não nasceu aqui mas, desde o primeiro dia que cruzou o Tejo num velho cacilheiro, ficou rendida.

«Cheguei ao Barreiro de comboio e quando entrei no barco o sol estava a pôr-se, apaixonei-me imediatamente. Aquela luz a incidir no imenso casario, do outro lado do rio, aquela paz... ainda hoje tenho essa bela sensação. Esta é a minha cidade!». 📍

MATERIAIS DA CABELEIREIRA

Escovas, pentes, tesouras, rolos, navalhas, lacas, champôs, cremes, pinças, secadores...

MORADA

R. José Ricardo,
n.º 13, 1.º D.º (Arroios)
1900-286, Lisboa
T. 218 476 219
bilena@live.com.pt



Lisboa na imprensa internacional

A **Wallpaper**, conceituado magazine e influente plataforma sobre *design*, distinguiu Lisboa com a classificação de *Melhor Cidade*, na sua edição de prémios de *design* para o ano de 2017.

O prémio assenta no movimento de regeneração cultural e arquitetónica que se estende pelas áreas centrais e por toda a zona ribeirinha, no que se refere a património e atividade, tais sejam o MAAT de Amanda Levette, a ARCO Lisboa e a Trienal de Arquitectura, com o trabalho de Johnston Marklee, Nuno Brandão Costa e Office KGDVS.

Para este ano, é referida a Bienal EXD, da ExperimentaDesign, que permitirá à cidade apresentar renovadas credenciais na área; a prevista abertura do novo terminal de cruzeiros, com a assinatura de Carrilho da Graça; e os novos hotéis boutique, como o

Memmo Príncipe Real.

A **Bloomberg** regressa até nós, respondendo com o nome Lisboa à pergunta: “Como passar um fim de semana perfeito numa capital europeia?”, e acrescentando que, se toda a gente está a pensar viajar até aqui, é por muito boas razões.

Entre essas razões, de novo o destaque para a cena cultural, para a qualidade da hotelaria e da gastronomia – “*hot, hot, hot*” — e, no caso dos norte-americanos, trata-se da localização mais próxima para uma deslocação ao velho continente.

O artigo traça um itinerário para uma estada de três dias, com destaque para a azulejaria, a arte urbana, a gastronomia de nomeada e o comércio de *design*, além de uma deslocação aos arredores, à zona vinhateira nas margens do Tejo. 🍷

Nicolas Vidal escreve sobre a Livraria Ferin para a **BSC News**, referindo-a como uma das mais antigas instituições literárias de Lisboa, resistindo ao tempo e à queda de hábitos de leitura. Sobre a sua história, entrevista João Paulo Dias Pinheiro, o último membro da família Ferin a estar à frente da francófona livraria (entretanto comprada por José Pinho, proprietário da Ler Devagar e promotor do Festival Literário Folio, em Óbidos).



“A Lisboa que teria sido” no Palácio Pimenta

Está patente até ao dia 18 de junho, no Palácio Pimenta, a exposição temporária “A Lisboa que teria sido”, na qual o Museu de Lisboa apresenta cerca de 200 peças de projetos urbanísticos e arquitetónicos que não chegaram a ser concretizados.

A exposição mostra Lisboa como foi projetada por arquitetos, urbanistas e pensadores da cidade, como Francisco de Holanda, Eugénio dos Santos, J. C. Nicolas Forestier, Ventura Terra, Cristino da Silva, Raul Lino, Cottinelli Telmo ou Cassiano Branco.



À cidade cosmopolita do século XVI faltava, para alguns dos mais ilustres moradores e visitantes, monumentalidade arquitetónica. A reconstrução, depois do terramoto de 1755, dotou a Baixa de uma dimensão majestosa, mas a normalização da arquitetura pombalina foi então, e até muito recentemente, considerada soturna e sem grandeza. Tornar Lisboa mais monumental e palco para as sucessivas novidades da arquitetura e do urbanismo foi o objetivo da maioria das propostas idealizadas a partir da segunda metade do século XIX.

Nesta exposição encontra-se uma seleção de materiais gráficos e tridimensionais incidindo no eixo da Praça do Comércio ao Parque Eduardo VII, no Martim Moniz, na frente ribeirinha, nas portas da cidade e nas pontes sobre o Tejo.

Ateliês Municipais dos Coruchéus de portas abertas

Os Ateliês Municipais dos Coruchéus, em Alvalade, vão ter visitas de entrada livre, no dia 21 de maio, no âmbito da primeira edição da iniciativa Ateliês de Portas Abertas.

Assinalando o Dia Mundial para o Diálogo e Desenvolvimento, dá-se a conhecer este espaço de criação artística na cidade, com um programa de visitas entre as 15h e as 19h.



O complexo dos Coruchéus é constituído por cinquenta ateliês onde artistas das artes visuais e das artes performativas, do cinema, da fotografia e do vídeo, desenvolvem o seu trabalho.

Neste dia, os visitantes poderão apreciar um conjunto de cerâmicas do artista João Segurado e, no jardim envolvente, a escultura em bronze Arabesco, de Dorita de Castel-Branco, bem como um *site specific* de José Pedro Croft, instalado em 2010 num plátano.

Ar.Co ... do Castelo até Xabregas

O Centro de Arte e Comunicação Visual – Ar.Co está, desde o início do ano, no espaço do antigo Mercado de Xabregas. Depois de quase meio século na colina do Castelo, a nova sede do Ar.Co centraliza os departamentos de Fotografia, Pintura, Desenho, Ilustração/Banda Desenhada, Joalheria, Cinema/Imagem em Movimento e História e Teoria da Arte.



Na sequência de um protocolo, o edifício do antigo mercado municipal foi cedido à instituição, completamente remodelado pelo arquiteto João Santa-Rita de forma a corresponder às valências atuais deste projeto de educação artística. A nova sede conta ainda com espaços dedicados a exposições, conferências e cafetaria. Até maio, está patente ao público a exposição *Xabregas City*, de João Paulo Feliciano, que inclui cerca de 1400 fotografias da zona oriental de Lisboa, entre 2015 e 2016.

A atividade do Ar.Co teve início em 1973 na Rua de Santiago, ao Castelo. O diálogo com a autarquia permitiu que a instituição se instalasse agora em Xabregas, atualmente uma das zonas mais dinâmicas no acolhimento da criatividade e da inovação.



Acolhimento de estudantes internacionais

Já abriu em Lisboa o *Study in Lisbon Lounge*, que disponibiliza vários serviços para jovens estrangeiros a estudar na capital. Instalado

no lote 3 da Praça Carlos Fabião, em Entrecampos, beneficia da proximidade a diversas universidades, funciona de segunda a sexta-feira e conta com a representação de vários parceiros.

Além das informações prestadas pela autarquia, neste espaço os alunos podem tratar de assuntos relacionados com vistos de residência e passaportes, num balcão do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), e aceder a outros serviços, como apoio na procura de alojamento ou na abertura de contas bancárias, informações sobre o sistema de transportes ou sobre o sistema nacional de saúde, cursos de português, contactos com embaixadas e divulgação de oportunidades de emprego ou de estágios, entre outras valências.

No local é também distribuído gratuitamente o Guia do Estudante Universitário, publicação municipal, sendo ainda disponibilizadas informações gerais sobre a cidade (culturais, lúdicas ou desportivas). 📄

Procuram-se filmes na Madragoa

Arquivo Municipal de Lisboa | Videoteca organiza desde 2015 a TRAÇA – Mostra de Filmes de Arquivos Familiares, dando a conhecer alguns dos filmes amadores, caseiros, privados, feitos na cidade de Lisboa ou por lisboetas. São filmes misteriosos, muitos deles de origem incerta, muito puros e diretos, que permitem acompanhar, através de histórias íntimas, a história da cidade ou do país.

A próxima edição, coorganizada com a associação Alcantara e dedicada ao encontro com as artes performativas, irá decorrer em outubro no Bairro da Madragoa. Cinco artistas irão produzir peças originais a partir dos

filmes de família do Arquivo, e apresentá-las em vários locais da Madragoa.

No âmbito desta iniciativa, o AML | Videoteca está à procura de filmes da Madragoa com as seguintes características:

- 📍 feitos no bairro da Madragoa (dentro ou fora de casa) ou pelos seus moradores;
- 📍 sem restrições temáticas, mas com caráter documental e de retrato do quotidiano;
- 📍 de qualquer época;
- 📍 em bom estado de conservação;
- 📍 nos seguintes formatos vídeo: U-Matic, Betacam SP, DV, DVD, Mini-Dv, Dvcam, Mini-Dvcam, HDV, VHS, HI 8; e nos seguintes formatos de película: 8mm, super 8mm, 16mm. 📄

Se tem um filme com estas características poderá enviá-lo ou entregá-lo nas instalações da Videoteca (Largo do Calvário, n.º 2 - edifício da “Promotora”) ou do Alcantara (Calçada Marquês de Abrantes, n.º 99). Serão feitas duas cópias de cada filme em formato digital: uma integrará o arquivo da Videoteca, e a outra será entregue ao depositante.

Mais informações:

T. 218 170 433 | <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt> | www.facebook.com/Traca02

Capital
Ibero-americana
de Cultura

LISBOA
2017

PASSADO E PRESENTE



A programação de Lisboa, Capital Ibero-americana de Cultura 2017 é intensa e variada, abrangendo várias artes e ciências, em diferentes locais, e destinada a todos os públicos.

Testemunhos da Escravatura

O Gabinete de Estudos Olisiponenses, em conjunto com vários museus, arquivos e bibliotecas de Lisboa, criou um roteiro de peças e documentação sobre a escravatura. Esta iniciativa pretende contribuir para a discussão do que, ainda no presente, significa a escravatura para os povos ibero-americanos.



Novo Mundo: visões através da Bienal Iberoamericana de Diseño

Palácio Calheta - Museu do Design e da Moda

A exposição *Novo Mundo* parte das cinco edições da Bienal Iberoamericana de Diseño procurando refletir sobre a capacidade do *design* para ser um agente transformador da sociedade e da humanidade. Os projetos e selecionados, de quase duzentos *designers* de vinte nacionalidades, destacam-se pela sua dimensão interventiva, e muitos deles permitem uma leitura sobre alguns dos problemas mais prementes da atualidade. ♿

Archivo Cordero (Bolívia)

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA I
ARQUIVO FOTOGRÁFICO

O acervo do fotógrafo Julio Cordero evidencia os contrastes sociais da Bolívia no período de 1900 a 1961. A exposição, com base neste acervo, apresenta cerca de setenta fotografias que documentam a vida e os costumes da população de La Paz. São fotografias de presídios, prostitutas e funerais, imagens fortes que mostram na sua essência as dificuldades vivenciadas pelos cidadãos mais pobres do país.



Estas são apenas algumas sugestões:
conheça a programação e saiba mais
informações em:

www.lisboacapitaliberoamericana.pt/

FESTAS DE LISBOA' 2017 DE 1 JUNHO A 1 JULHO



Tronos de Santo António

Tradicionais, com bonequinhos de barro ou enfeites de papel colorido, os tronos estarão na rua nos dias 3 e 4 de junho.

Marchas Populares de Lisboa

As Marchas, sob o tema “Lisboa e o Atlântico, enquanto mar de encontros”, desfilam na Avenida da Liberdade na noite de 12 de junho.

Arraiais Populares

Espalhados pela cidade, com a sua música e bailaricos, os arraiais oferecem a todos uma variada gama de petiscos em que a sardinha assume o protagonismo.

Orquestra Gulbenkian

A Orquestra Gulbenkian junta-se às Festas de Lisboa para um grande concerto no Terreiro do Paço, no dia 3 de junho.

Corrida de Santo António

“A correr todos os santos ajudam” é o mote da Cofidis Corrida de Santo António 2017, que se realiza a 3 de junho, com partida da Praça D. Pedro IV (Rossio) e um percurso de dez quilómetros.

Fado no Castelo

A segunda edição do Fado no Castelo será dedicada ao diálogo entre o fado e o tango, o flamenco e o chorinho, com concertos agendados para os dias 8, 9 e 10 de junho.

Soy loco por ti América

“Soy loco por ti América” dá o nome a este projeto de leitura de contos e poemas que será apresentado no Jardim do Museu de Lisboa nos dias 15 a 18 de junho.

Festival de Coros de verão

Durante quatro dias, de 3 a 26 de junho, concertos e competições corais vão decorrer em vários espaços da cidade: Castelo de S. Jorge, Centro Cultural de Belém, Claustros do Mosteiro dos Jerónimos e Jardim Vasco da Gama.

Com'Paço

A VIII Edição do Com'Paço conta com a participação de mais de 400 jovens músicos de vários agrupamentos nacionais que vão atuar na Alameda D. Afonso Henriques e

noutros jardins da cidade, no dia 24 de junho.

Arraial Pride

Uma festa aberta a todos, pela defesa da igualdade de direitos para a comunidade LGBT, é no Terreiro do Paço no dia 24 de junho.

Baila Comigo Lisboa - encerramento

Seguindo a melhor tradição latina, as Festas de Lisboa terminam no dia 1 de julho com um grande baile ao ar livre no Terreiro do Paço, ao som da salsa e rumba, flamenco e tango.



Casamentos de Santo António'17

Vinte anos depois da reedição da iniciativa, no dia 12 de junho Lisboa volta a acolher um dos mais acarinhados eventos da cidade: os Casamentos de Santo António.

Este ano, Santo António irá abençoar mais 16 casais: 11 numa cerimónia religiosa que terá lugar na Sé de Lisboa, e cinco numa celebração civil nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Lisboa. Um dia que irá culminar com o desfile de todos os recém-casados na Avenida da Liberdade. ✨

Feira do Livro de Lisboa

De regresso à cidade entre os dias 1 e 18 de junho, a 87.ª Feira do Livro de Lisboa tem novidades, este ano. No Parque Eduardo VII são retomados conceitos de sucesso de edições anteriores, como a já conhecida Hora H, mas inovando na forma como leva o livro a cada visitante. Com inauguração no Dia Mundial da



Criança, a Feira do Livro de Lisboa volta a apostar na programação infantil, como a iniciativa Acampar com Histórias, que incentiva hábitos de leitura junto dos mais novos, e muitas outras novidades.

A 87.ª Feira do Livro de Lisboa é organizada pela APEL, com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa e das Bibliotecas de Lisboa.

O maior festival de cultura

ibérica

Aconteceu este ano em Belém

De 4 a 7 de maio os foliões andaram à solta no Jardim da Praça do Império. Pela primeira vez, o Festival Internacional da Máscara Ibérica (FIMI) realizou-se em Belém, cruzando a riqueza do património histórico e cultural da zona ocidental da cidade com as tradições ancestrais da Península Ibérica.



Durante quatro dias, o Jardim da Praça do Império ofereceu uma programação variada, que juntou Portugal e Espanha, com máscaras e caretos, artesanato e produtos regionais, concertos, exposições e muita animação de rua.

Este ano, a Colômbia e o Peru foram os países convidados do Grande Desfile da Máscara Ibérica que contou com um total de 36 grupos participantes, nesta que foi a edição mais concorrida de sempre.

Paralelamente a esta XII edição do Festival, o Museu Nacional de Arqueologia, a Casa da América Latina e a Casa Pia de Lisboa apresentaram exposições, debates e atuações de grupos de desfile.

Sangue na Guelra 2017

O festival Sangue na Guelra, na sua 5.ª edição, trouxe a Lisboa a celebração da melhor cozinha nacional e internacional. A festa teve encontro marcado nos dias 6 e 7 de maio no HUB Criativo do Beato, um evento que, segundo a organização, põe a cidade no mapa dos grandes festivais de gastronomia internacionais.



O Lisboa Food Festival foi um ponto de encontro para música, *design*, arte urbana e cozinha. Estiveram presentes vinte e quatro conceituados *chefs* nacionais e estrangeiros que serviram a sua versão da comida de rua, inspirados por sabores, saberes e tradições da sua região ou do seu país de origem.

Um evento concebido a pensar em famílias, fãs de gastronomia, estudantes e turistas de visita à cidade.

Mais informações: www.sanguenagueira.pt



Carpintarias de São Lázaro – um novo polo cultural

As antigas carpintarias de São Lázaro foram transformadas num espaço cultural e deram-se a conhecer com uma

exposição da dupla cubana “Los Carpinteros” - os artistas Marcio Antonio Castillo Valdés e Dagoberito Rodriguez Sanchez. Este espaço, junto ao Martim Moniz, foi durante décadas uma fábrica de móveis para todo o país, até que um incêndio o destruiu no final dos anos noventa e o edifício ficou abandonado.

O complexo, recentemente adaptado, com três pisos e uma área bruta total de 163 metros quadrados, vai acolher várias áreas de produção artística como teatro, dança, música, artes visuais, arte contemporânea, gastronomia e debates.

Palcos, camarins, salas de ensaio e estúdios, um auditório com capacidade para 120 pessoas, uma cafetaria, uma loja e um miradouro com vista para o Castelo são realidades a breve prazo que irão dar nova vida ao emblemático edifício.

A expectativa da Associação Cultural e Recreativa das Carpintarias de São Lázaro - entidade que irá gerir o espaço, após ter vencido o concurso público lançado pela autarquia - é de que dentro de um ano as obras estejam concluídas. 🏗️



O mundo da arte contemporânea volta a olhar para Lisboa, pelo segundo ano consecutivo, com a realização da feira internacional ARCO, de 18 a 21 de maio, na Cordoaria Nacional.

A ARCOLisboa 2017 aposta na qualidade dos projetos das galerias participantes bem como na atividade cultural na cidade, com diversos museus, instituições e espaços ex-

positivos a acolherem obras e artistas no âmbito deste evento.

Na feira estarão representadas cerca de 50 galerias nacionais e internacionais selecionadas pelo Comité Organizador. Lisboa está a consolidar-se como destino preferencial para galeristas de diferentes partes do mundo, que decidem abrir a sua sede ou o seu segundo espaço na cidade.

Paralelamente, e por ocasião da Lisboa Capital Ibero-americana de Cultura 2017, realiza-se pela primeira vez em Portugal o Encontro de Museus da Europa e da América Latina, que trará a Lisboa mais de 20 diretores e comissários de prestigiosas instituições dos dois lados do Atlântico.

A feira estará situada no novo polo da arte contemporânea, com a exposição de Serralves em exibição no torreão da Cordoaria, e o MAAT a poucos passos de distância.

A ARCOLisboa 2017 abrirá as suas portas ao público de 18 a 21 de maio, das 12h às 20h (até às 18h no último dia). 🏛️



MURO | FESTIVAL DE ARTE URBANA LX_2017 MARVILA – 25 a 28 DE MAIO

Considerada uma das mais relevantes cidades mundiais no âmbito da produção de *graffiti* e *street art*, Lisboa volta a acolher o MURO - Festival de Arte Urbana, um evento aberto à população de Marvila e a todos os visitantes.

Organizado pela Galeria de Arte Urbana da

autarquia, esta 2.^a edição do MURO realiza-se no âmbito da Lisboa Capital Ibero-americana de Cultura e pretende ser um momento de partilha entre os artistas nacionais de arte urbana e os artistas provenientes dos países que constituem a comunidade ibero-americana.

Da programação do Festival fazem parte intervenções artísticas, visitas guiadas e *workshops*, concertos e espetáculos, conversas e debates, exposições de fotografia e outras atividades de animação de rua, em quatro dias de festa com a comunidade da arte urbana, a população de Marvila e os seus visitantes.

No trabalho com a comunidade local irão ser desenvolvidas diversas atividades num conjunto de suportes diversificados, destinadas ao envolvimento da população juvenil dos bairros de Marvila.

Na área da produção artística prevê-se a realização de uma série de 15 obras de grande escala (170 m²), em empenas de edifícios situados nos bairros da Quinta dos Alfinetes e da Quinta Marquês de Abrantes, a que se juntam outras superfícies, numa área total de intervenção estimada em 4000 m².

À semelhança do sucedido em 2016 no Bairro Padre Cruz, a opção territorial por Marvila, e mais especificamente pela área envolvente da nova Biblioteca Municipal, irá possibilitar a criação de um novo núcleo de obras de arte urbana na zona oriental de Lisboa. 📍

Biblioteca de Marvila, a maior biblioteca municipal de Lisboa

A Biblioteca de Marvila é a mais recente biblioteca de Lisboa. Inaugurada em novembro de 2016, integra agora a rede das dezanove bibliotecas municipais da cidade.

É uma biblioteca de terceira geração, pensada para o séc. XXI: não apenas espaço de cultura, mas também espaço de aprendizagem e de partilha da comunidade.

Construída de raiz, esta biblioteca intervém num território muito variado em termos culturais, com uma forte marca industrial e rural e uma população jovem, num momento em

que o perfil deste bairro se redefine no contexto da cidade. Constituída por dois edifícios, um novo e outro recuperado, na Quinta das Fontes, a Biblioteca de Marvila ocupa uma área com cerca de 3000 m², integrando ainda o Lagar de Azeite, património da história local. O projeto é da autoria do arquiteto Hestnes Ferreira. 📍

Horário de inverno | até 15 de julho 2017

Segunda a sábado, das 10h às 18h

Encerra: domingos e feriados





eventos em destaque

MAI

Out Jazz

Maio a setembro

- Parques e jardins de Lisboa

Com o bom tempo regressa um dos festivais obrigatórios na agenda da cidade. Jazz, soul, funk e hip-hop são alguns dos ritmos que voltam a colocar Lisboa a dançar ao longo do verão com mais uma edição do OUT JAZZ.

Como é já habitual, de maio a setembro, ao domingo, os mais belos jardins da capital são tomados pela música.

FIMFA – Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas

11 a 28 de maio

- Vários locais da cidade

O FIMFA traz a Lisboa marionetas do mundo.

Companhias profissionais de vários países apresentam as suas criações numa programação feita a pensar em vários públicos e idades.

ARCOlisboa 2017

18 a 21 de maio

- Edifício da Cordoaria Nacional

De 18 a 21 de maio o mundo da arte está de olhos postos em Lisboa, que acolhe, pelo segundo ano consecutivo, a ARCO, feira internacional dedicada à arte contemporânea.

Mais informação na página 42.

Concurso de Saltos Internacional Oficial de Lisboa (97ª edição)

25 a 28 de maio

- Hipódromo do Campo Grande

A cidade receberá mais uma vez os grandes nomes do hipismo mundial, para um acontecimento equestre de referência internacional. A Sociedade Hípica Portuguesa organiza o Concurso de Saltos Internacional Oficial de Lisboa, o mais antigo do mundo realizado no mesmo local.

MURO - Festival Internacional de Arte Urbana

25 a 28 de maio

- Marvila

Considerada uma das mais relevantes cidades mundiais no âmbito do *graffiti* e da *street art*, Lisboa volta acolher o "MURO - Festival de Arte Urbana".

Mais informação na página 43.

Festival do Coração

27 de maio

- Jardim da Estrela

A iniciativa é dirigida à população em geral, sendo o principal objetivo sensibilizar para a importância da adoção de estilos de vida saudáveis. Nesse dia está previsto decorrerem rastreios cardiovasculares, aconselhamento nutricional e atividades físicas ao longo de todo o dia (10h - 18h).

JUN

MIL- Lisboa Internacional Music Network

1 e 2 junho

- Espaços de Lisboa

Um festival e uma convenção internacional que tem como objetivo a valorização e divulgação da música popular contemporânea com origem nos países de língua portuguesa, tendo em vista a sua internacionalização.

Durante os dois dias, mais de cinquenta *showcases* vão invadir vários palcos da capital, num encontro entre artistas de língua portuguesa e internacionais.

Lisbon Motorcycle Film Fest

2, 3 e 4 de junho

- Cinema São Jorge

O Lisbon Motorcycle Film Fest é um evento cultural de dimensão internacional, destinado aos amantes das duas rodas e do cinema. Uma ideia que nasce da vontade de juntar duas paixões: o cinema e as motos.

Feira do Livro de Lisboa

1 a 18 de junho

- Parque Eduardo VII

De volta ao calendário da cidade, entre os dias 1 e 18 de junho, a incontornável Feira do Livro de Lisboa tem novidades, na sua 87.ª edição.

Mais informação na página 41.

Festas de Lisboa

1 de junho a 1 de julho

- Vários locais da cidade

As festas de Lisboa começam a 1 de junho e durante um mês vão incluir eventos para todos os gostos e idades.

Mais informação na página 40.

Casamentos de Santo António

12 de junho

- Sé de Lisboa e desfile em vários eixos da cidade

A cidade vibra com o enlace dos 16 casais selecionados para oficializar o seu amor sob o olhar atento dos Lisboetas e do Santo.

Mais informação na página 40.

Super Bock Super Rock

13 a 15 de junho

- Parque das Nações

A música rock, pop e afins está de volta ao Parque das Nações em mais uma edição do festival Super Bock Super Rock. Nos vários palcos vão tocar nomes como Red Hot Chili Peppers, Deftones ou Seu Jorge, entre muitos já confirmados.

Arraial de Schoenstatt (19ª edição)

24 de junho

- Praça de Damão, Belém

O movimento da Igreja Católica Família Schoenstatt quer, com este arraial, angariar fundos para o funcionamento da organização ao longo do ano, ao mesmo tempo que proporciona a várias famílias uma noite de convívio e de divertimento.



À conversa com
Herman José
... no São Luiz – Teatro Municipal

Enquanto um grupo de crianças corre pelos interiores do São Luiz e desvenda histórias daquele espaço através da atividade “Os sapatos do Sr. Luiz”, Herman José surge discretamente no maravilhoso Jardim de Inverno daquele teatro, tal como combinado. A pretexto dos espetáculos “Lisboa a sorrir”, que irão decorrer a partir do mês de maio nas ruas da capital, a revista *Lisboa* conversou com esta figura incontornável do panorama artístico nacional, e que revolucionou o humor em Portugal. A partir daqui, parar de rir foi um desafio.

[texto de Mafalda Ferraz | fotografia de Américo Simas]



“Este espaço é absolutamente glorioso e é quase surpreendente, pois está localizado numa parte da cidade cheia de edifícios e habitações... e de repente chegamos aqui dentro e temos este oxigénio artístico todo” – foi assim que Herman José lembrou a altura em que gravava o programa “Herman 98” na Sala Principal do São Luiz.

O apresentador e humorista é um apai-

xonado pela cidade de Lisboa tendo escolhido, para viver, um prédio da zona da Lapa com 360 graus de vista. “Um privilégio”, como diz. “Há uma zona de Lisboa que é absolutamente incontornável: aquela zona maravilhosa à beira rio, perto do Padrão dos Descobrimentos e do Mosteiro dos Jerónimos. Em qualquer parte do mundo é surpreendente.”



fotografia de José Frade

São Luiz – Teatro Municipal

O São Luiz – Teatro Municipal tem como missão proporcionar à cidade um teatro vivo, com público, enérgico, com centenas de sessões por temporada, por vezes em três apresentações diárias, entre a Sala Principal e o Jardim de Inverno. A música e a dança, com concertos e recitais, a visita regular de grandes orquestras e a enchente anual da Festa do Jazz continuam a ser prioridades que casam na perfeição com a natureza do espaço, datado de finais de Oitocentos. Paralelamente, os mais novos não são esquecidos com a atividade do serviço educativo e a programação infantil.

Lisboa a Sorrir

Regressa neste mês de maio o espetáculo “Lisboa a Sorrir”, que nasceu em 2016, e no qual o variado repertório e as hilariantes histórias de Herman José servem de fio condutor a uma festa que decorre em diferentes palcos montados em várias freguesias da cidade. Sempre acompanhado pelo quarteto de Pedro Duarte, “Lisboa a Sorrir” terá uma vez mais convidados transversais e da área do fado, como é o caso de Ricardo Ribeiro, Marina Mota, Lenita Gentil e Kátia Guerreiro, entre outras surpresas.

“Os espetáculos correram todos muito bem, as pessoas ficaram completamente encantadas. Na verdade, é aquilo de que gosto, e que faço melhor, pois cresci a fazer espetáculos ao vivo”. Depois, afastou-se para só fazer televisão, o que “foi um erro, uma vez que é o contacto com as pessoas que nos ensina, de onde surgem as histórias, os sotaques..., e porque a realidade é muito mais divertida do que aquilo que possamos escrever”.

“Os espetáculos correram todos muito bem (...) é aquilo de que gosto, e que faço melhor, pois cresci a fazer espetáculos ao vivo”

Herman José vai com frequência à Broadway assistir a espetáculos, e por vezes sonha em pisar aqueles palcos mágicos de Nova Iorque. “É inevitável a pessoa pensar que bem que poderia fazer determinado papel; gostava também de experimentar aquela sensação de ser universalmente conhecido”, desabafa o ator, admitindo que lhe custa chegar a um teatro fora do país e “não existir”. “Ali, sou só um turista, muito simpático, fisicamente deslumbrante, é verdade, mas ninguém sabe o que faz”, constata com ironia.

Por cá, sabemos bem o que o Herman José já fez, e o que ainda faz. Há 40 anos que o “verdadeiro artista”, como diria Serafim Saudade – uma das suas inesquecíveis criações – faz rir, e muito, os portugueses. 🎸

Ver vídeo em: <https://vimeo.com/210739109>



CALENDÁRIO

LISBOA A SORRIR

MAIO

Dia 5, 21h30

ALCÂNTARA - Junto à Capela de Santo Amaro

Convidado: Ricardo Ribeiro

Dia 7, 21h30

AJUDA - Largo da Ajuda

Convidada: Marina Mota

Dia 18, 21h30

S. DOMINGOS DE BENFICA - Quinta da Alfarrobeira

Convidados: Lenita Gentil e Sangre Ibérico

Dia 20, 21h30

SANTA CLARA - Parque Oeste

Convidados: Marco Rodrigues e Filipa Cardoso

Dia 26, 21h30

ALVALADE - Jardim do Campo Grande

Convidados: Jorge Fernando e Fábria Rebordão

Dia 28, 18h00

encerramento do Festival Muro

MARVILA - Em frente à Biblioteca Municipal

Convidados: FF e Diamantina

JUNHO

Dia 2, 21h30

BEATO - Mata da Madre de Deus

Convidado: Kátia Guerreiro

Dia 4, 21h30

AVENIDAS NOVAS - Jardim do Arco do Cego

Convidada: Maria da Fé

Correio dos Leitores

A Árvore Certa para o Lugar Certo

Ao ler a revista n.º 20 apreciei o artigo "A árvore certa para o lugar certo" e a intervenção das engenheiras (...). Lamento que não tenham passado pela rua Cidade Vila Cabral na freguesia dos Olivais. Aí, entre os lotes 32A e 33A existe uma árvore de grande porte (...) que nunca foi intervencionada e começa a tornar-se uma ameaça à segurança (...).

Manuel Nunes dos Reis

Revista LISBOA: a sua carta mereceu a nossa melhor atenção e foi remetida para o Núcleo de Arvoredo e Fitossanidade da CML e para a Junta de Freguesia dos Olivais.

A revista Lisboa convida os seus leitores a manifestar as suas opiniões ou comentários sobre os conteúdos da revista ou outros assuntos.

Podem enviar as suas mensagens para:
correio.leitores@cm-lisboa.pt

ou por correio postal para:

Revista Lisboa, Departamento de Marca e Comunicação - rua de São Julião, 149
1100-524 Lisboa

As cartas poderão ser editadas ou abreviadas por necessidade de clareza ou espaço.

A revista está disponível em versão braille, nos locais indicados em:

www.cm-lisboa.pt/municipio/camara-municipal/publicacao-lisboa-versao-braille

**Da Suíça, com amor**

Em breve irei de férias. (...) a ti eterna amante, a ti Lisboa.

Mostrei a vossa revista ao meu amigo João Almeida, que adorou. Antes de emigrar (há muitos anos), este camarada foi proprietário de vários comércios em Lisboa. Agora tem o comércio aqui, na Suíça. O senhor Almeida gostaria muito de receber a vossa revista. É possível?

Um grande abraço deste alfacinha do Socorro, criado na Bica, Bairro Alto e Intendente.

Carlos Barroso

Revista LISBOA: teremos todo o gosto em enviar a revista ao seu amigo. Para tal, basta que nos indique o endereço. Um lisboeta é sempre um lisboeta, esteja cá, na Suíça ou em qualquer canto do mundo.

Barreiras Arquitetónicas e Acessibilidades

Fiquei agradado com a revista (...). (...) sugiro uma nova temática: barreiras arquitetónicas e acessibilidades para pessoas com dificuldades de mobilidade – veja-se o caso do Centro de Saúde do Lumiar (...). Nesta área as passeadeiras nem todas pintadas, (...) o estacionamento é um caos (...). Tudo isto se insere numa abordagem "Educação e Cidadania" de que a revista pode ser um bom veículo de divulgação e de aprendizagem.

Carlos Torcato

Revista LISBOA: por coincidência, neste número da revista incluímos um artigo sobre o Plano de Acessibilidades. Registamos também que a requalificação do espaço público, da qual damos conta nas nossas páginas, muito contribui para a melhoria da circulação pedonal. Quanto às questões da zona do Lumiar, encaminhamos o seu *e-mail* para os serviços camarários competentes e para a Junta de Freguesia do Lumiar.

CONTACTOS ÚTEIS**Câmara Municipal de Lisboa**

Morada: Paços do Concelho - Praça do Município, 1149-014 Lisboa
Telefone: 213 236 200
gab.presidente@cm-lisboa.pt
www.cm-lisboa.pt | www.facebook.com/camaradelisboa

Balcão Único Municipal

Número azul: 808 203 232
www.cm-lisboa.pt/servicos

Na Minha Rua

Número azul: 808 203 232
<http://naminharua.cm-lisboa.pt>

Número de Socorro Municipal

Número azul: 808 215 215

S.Ó.S. Lisboa

Número verde: 800 204 204

Regimento de Sapadores Bombeiros

Morada: Av. D. Carlos I, 1249-071 Lisboa
Número azul: 808 215 215 | rsb.gc@cm-lisboa.pt

Polícia Municipal

Morada: Rua Cardeal Saraiva, 1070-045 Lisboa
Telefone: 217 225 200 | Número azul: 808 202 036 | pm@cm-lisboa.pt

JÁ REPAROU NO QUE MUDOU EM LISBOA A 1 DE FEVEREIRO?



**TRANSPORTE GRATUITO PARA CRIANÇAS
ATÉ AOS 12 ANOS DE IDADE.**



**PASSES A 14,5€, PARA TODAS AS PESSOAS
COM MAIS DE 65 ANOS.**

Cristina e José Ferreira
Há 20 anos a poupar com o Montepio

Poupamos com o Montepio, porque é um banco que dá valor aos nossos objetivos.

Criámos com o Montepio uma relação de grande proximidade há muito tempo. Sempre colocaram ao nosso alcance as melhores soluções para as nossas poupanças. E se hoje temos uma vida confortável, o valor que atribuíram aos nossos sonhos fez toda a diferença.

Só um banco diferente pode fazer a diferença.

Saiba mais num Balcão Montepio

montepio.pt



Montepio

Valores que crescem consigo.